

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

**ARTESANATO, GLOBALIZAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS:
Um estudo de caso sobre Niterói**

Giullia Romeira Cezar Antunes

Niterói (RJ)

2023

Giullia Romeira Cezar Antunes

**ARTESANATO, GLOBALIZAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS:
Um estudo de caso sobre Niterói**

**Trabalho de Conclusão de Curso com objetivo
de obtenção de grau de bacharel do curso de
Produção Cultural da Universidade Federal
Fluminense.**

Niterói (RJ)

2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A627a Antunes, Giullia Romeira Cezar
ARTESANATO, GLOBALIZAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS : Um estudo de
caso sobre Niterói / Giullia Romeira Cezar Antunes. - 2023.
52 f.: il.

Orientador: Luiz Augusto Fernandes Rodrigues.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2023.

1. Artesanato. 2. Políticas públicas. 3. Globalização.
4. Niterói. 5. Produção intelectual. I. Rodrigues, Luiz
Augusto Fernandes, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III.
Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO
CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao **terceiro dia do mês de julho do ano de 2023**, às **catorze horas**, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF nº 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **Artesanato, globalização & políticas públicas: Um estudo de caso sobre Niterói**, apresentado por **Giullia Romeira Cezar Antunes**, matrícula **119033010**, sob orientação do(a) **Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues**
2º Membro: **Drª. Marina Bay Frydberg**
3º Membro: **Bac. Júlia Pacheco Gitsin**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

9,5 (nove e meio)

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Presidente da Banca

Luiz Augusto Fernandes Rodrigues
CPF 724.093.047-53

RESUMO

Visa analisar como o fazer artesanal modifica e é modificado pelas sociedades contemporâneas, através de entrevistas realizadas com artesãos da Feira do Campo de São Bento e com a coordenadora da Casa do Artesão em Niterói (RJ). Entender de que maneiras as sociedades capitalistas e globalizadas percebem o fazer e compreender como as políticas públicas viabilizam a sobrevivência dos trabalhadores do artesanato.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – “Trilogia da fartura e prosperidade” de Sander Artur.....	12
Imagem 2 – Amigurumis de Bernadete representando a personagem Wandinha, da série homônima da <i>Netflix</i> . Em seguida, Harry, Rony e Hermione da saga de filmes Harry Potter. E, por último, a personagem Nezuko Kamado do anime <i>Demon Slayer: Kimetsu no Yaiba</i>	15
Imagem 3 – Dona Francisca em sua barraca e vista da barraca da Nilza para a feira. Fotografias da autora.....	18
Imagem 4 – Adaptação da autora. Mapa de Regiões Administrativas de Niterói (RJ).....	20
Imagem 5 – Parque de diversões do Campo de São Bento. Fotografia da autora.....	22
Imagem 6 – A feira do Campo de São Bento. Fotografias da autora.....	22
Imagem 7 – Perfil do Instagram da Feira do Campo de São Bento no Instagram, divulgação dos produtos e perfis de Maria Emilia Pinho Rangel e Angela Tibau.....	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 <u>JUSTIFICATIVA</u>	8
1.2 <u>OBJETIVOS</u>	9
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	9
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
1.3 <u>METODOLOGIA</u>	9
2 COMPREENSÕES DO ARTESANAL	10
3 ELEMENTOS CONTEMPORÂNEOS	13
3.1 <u>TRABALHO</u>	16
4 ARTESANATO E POLÍTICAS PÚBLICAS EM NITERÓI	19
4.1 <u>QUESTÕES LEVANTADAS PELA CLASSE</u>	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE A	30
APÊNDICE B	35
APÊNDICE C	44

1 INTRODUÇÃO

O artesanato, quando entendido como a capacidade de criar objetos, ferramentas ou acessórios com uso predominante das mãos, é um elemento presente desde os primórdios da humanidade. Quando o artesão emprega sua força e sua criatividade para criação de um objeto, ele não cria apenas um produto, mas um bem cultural. A relevância da compreensão do artesanato no tempo, é também a compreensão do próprio tempo. Para refletirmos sobre o artesanato, precisamos, a princípio, ter alguma noção do que é o artesanato. Apesar deste ser entendido e apropriado de diversas maneiras por diferentes tempos e sociedades, e abrigar uma enorme variedade de práticas e técnicas, buscaremos delimitá-lo de maneira a evitar reduzi-lo. Ao longo do capítulo 2, **COMPREENSÕES DO ARTESANAL**, analisaremos o artesanato por diferentes perspectivas, atritando o entendimento de **artesanal** com o de **artístico** e com o de **industrial**, a fim de encontrar uma perspectiva que abrigue diversidade suficiente para os objetivos da pesquisa. Para além, no capítulo 3, **ELEMENTOS CONTEMPORÂNEOS**, devemos, portanto, entender onde o artesanato se localiza entre a **tradição** e a **inovação, trabalho manual e trabalho intelectual** e de que forma se integra às sociedades atuais. Assim, não podemos desvincular os valores vigentes nas sociedades contemporâneas das práticas que nela existem. Devemos, portanto, considerar elementos característicos dessas sociedades tais quais: a **globalização**, os regimes de trabalhos, as redes sociais etc.

Também devemos analisar de que maneira as instituições viabilizam a atuação dos artesãos de Niterói (RJ), elemento que será desenvolvido no capítulo 4, **ARTESANATO E POLÍTICAS PÚBLICAS**. Nele faremos um breve apanhado das políticas públicas nacionais de incentivo ao artesanato para, em seguida, analisar o município de Niterói. A escolha do município é justificada não só pelo pertencimento ao território como discente da Universidade Federal Fluminense, mas também dada a atuação do município em relação à cultura e ao artesanato, considerando a quantidade de feiras públicas viabilizadas pela cidade e a integração da Casa do Artesão à Secretaria das Culturas.

Aqui, será dado foco especial à Feira do Campo de São Bento, sendo esta a feira mais antiga do município, que acontece com mais frequência e com maior quantidade de vagas disponíveis, se mostrando um terreno fértil para a análise que se seguirá. Através das entrevistas realizadas com artesãos profissionais da Feira do Campo de São Bento em Niterói (RJ), buscamos compreender de que maneiras esses percebem não apenas os possíveis significados do fazer artesanal, mas também o que é o trabalho com o artesanato na

atualidade, que influências e que resistências estão presentes na prática. Os artesãos entrevistados foram: Francisca, 63 anos, na feira há 35 anos, faz crochê e bordado; Sandra Lúcia Panto, 55 anos, aproximadamente 12 anos na feira, fabrica almofadas; Maria Antonieta, 79 anos, no campo há 35 anos, trabalha com bijuteria; Renato Ramos Januário, 55 anos, faz peças de madeira; Fernanda Lopes Gomes, 74 anos, trabalha com decoupage e pintura em madeira; Maria das Graças, faz laços, arcos, chinelos, etc; Nilza Fonseca, 68 anos, faz origami, incenso em cristais, pintura em gesso, pátina, etc; Dona Neli, 85 anos, produz roupas de moda infantil; Flávia, tenho 58 anos, pinta em vidro, em acrílico e faz bijuteria; Sander Artur Batista, 42 anos, que faz marchetaria e pirogravura. Também foi entrevistada a atual coordenadora da casa do artesão (2023-), Rosane 'Kanas' Costa.

O trabalho buscou refletir sobre de que maneiras esse fazer modifica e é modificado pelas sociedades contemporâneas. Assim como, entender de que maneiras as redes sociais e o mercado influenciam no fazer em questão, de que maneiras os artesãos precisam se adaptar para alcançar estabilidade na via do trabalho autônomo e do empreendedorismo. Também nos voltamos a analisar de que modo as instituições públicas viabilizam a atuação dos artesãos da cidade, através dos relatos dos artesãos entrevistados e de entrevista com a Coordenadora da Casa do Artesão de Niterói (RJ).

1.1 JUSTIFICATIVA

Quando falamos sobre o artesanato como trabalho, falamos de diferentes tipos de meios de sobrevivência. A sobrevivência de modos de fazer, seja pela manutenção da tradição seja pela inovação sobre esta, mas também a sobrevivência de diversos indivíduos que encontraram no artesanato sua forma de sustento. Dessa forma, acredito ser essencial o prolongamento do estudo sobre o artesanato, de seus aspectos culturais e socioeconômicos, e das influências que o mundo contemporâneo acrescenta a esse fazer. Outro aspecto relevante à construção da análise que me proponho a fazer é a maneira como Niterói (RJ) lida com a cultura e com o artesanato, de que maneira o município percebe e viabiliza a atuação desses sujeitos fazedores de cultura.

Como justificativa pessoal, me vi, ao longo de toda vida, perto de algum objeto ou acessório que foi feito por alguém. As peças de roupa que minha mãe costurava, o grupo de senhoras bordadeiras da igreja do bairro ou os diversos objetos que ganhei de pessoas queridas. Pude perceber a passagem do tempo, e as transformações que vieram com ela, desde quando meu contato com artesanato só era possível através da relação com minha mãe ou com pessoas da vizinhança e amigos da família, até a popularização das redes sociais, onde

pude conhecer diferentes técnicas e histórias. Assim, a criação de objetos que tive oportunidade de fazer com as minhas mãos, e deixar ali uma impressão do meu eu, por necessidade criativa ou prática, faz perceber, em mim, a presença e relevância do artesanato.

1.2 OBJETIVOS

Na presente seção, serão apresentados os objetivos da pesquisa em questão.

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Discutir como as experiências dos artesãos profissionais se alteram em um mundo globalizado e neoliberal, usando como estudo de caso os artesãos da cidade de Niterói, considerando como as políticas públicas atuam em relação ao fazer artesanal.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Investigar como os artesãos de Niterói (RJ) adaptam seus produtos de acordo com as demandas do mercado e as influências das redes sociais;
- b) Refletir sobre de que maneira os artesãos de Niterói (RJ) são permeados pelas noções de empreendedorismo;
- c) Analisar como as políticas públicas viabilizam a atuação desses sujeitos.

1.3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi elaborada a partir de uma pesquisa exploratória, onde foram entrevistados artesãos da feira do Campo de São Bento e a coordenadora da Casa do Artesão, no modelo de entrevista semi-estruturada, a fim de entender as especificidades da vivência desses sujeitos. Bem como, responder aos questionamentos que movimentaram as ideias iniciais deste trabalho. Vale destacar que ao longo das entrevistas, sendo época de eleição presidencial, notei por parte de alguns artesãos certo receio em comentar sobre as políticas públicas niteroienses, no entanto, ainda foi possível levantar uma grande variedade de reflexões e críticas.

2 COMPREENSÕES DO ARTESANAL

Para tratar do fazer artesanal, precisamos, a princípio, entender os possíveis significados da palavra. Em entrevistas com artesãos da Feira de Artesanato do Campo de São Bento (Niterói/RJ), onde foram entrevistados dez artesãos e uma variedade de leituras do artesanato. Por exemplo, quando perguntado sobre o significado da palavra, Renato Ramos Januário, respondeu: “[a pessoa] coloca uma identidade própria no seu trabalho e ela vive daquilo ali. É algo próprio, verdadeiro” (APÊNDICE B, p. 35). Para Fernanda Lopes Gomes, “São peças que não se encontra em lugar nenhum, você faz, é aquela e ninguém tem igual” (APÊNDICE B, p. 36). E para a artesã Flávia: “Artesanato é quando você pega uma peça do nada, e cria alguma coisa naquela peça. Por exemplo, eu pego um pedaço de acrílico e transformo ele em um relógio todo pintado a mão... De quase nada você faz alguma coisa, você elabora um produto” (APÊNDICE B, p. 41). Esses aspectos – ineditismo, criatividade, identidade – são elementos também considerados quando pensamos sobre o sentido de arte.

Néstor García Canclini aponta que a diferenciação entre arte e artesanato parte das noções adotadas pela estética moderna, que vê a arte como “movimento simbólico desinteressado, um conjunto de bens ‘espirituais’ nos quais a forma predomina sobre a função e o belo sobre o útil, o artesanato aparece como o outro, o reino dos objetos que nunca poderiam dissociar-se de seu sentido prático” (2013, p. 242). Ou seja, de acordo com essas linhas de pensamento, quando o objeto passa a ter alguma função para além do admirável e do observável, deixa de ser arte. Assim, se evidencia a disputa de sentidos entre o artesanato – ou a arte popular – e a arte entendida como erudita.

Outro aspecto que cabe ser ressaltado como justificativa ao distanciamento entre arte e artesanato, é a diferença de prestígio entre atividades consideradas intelectuais e manuais:

Nas sociedades industriais, sobretudo nas capitalistas, o trabalho manual e o trabalho intelectual são pensados e vivenciados como realidades profundamente distintas e distantes uma da outra. Reflitamos um minuto, por exemplo, sobre as diferenças sociais que há entre um engenheiro e um eletricitista, ou entre um arquiteto e um mestre-de-obras. Além da discrepância entre salários e ao lado das formações profissionais diversas, há um enorme desnível de prestígio e de poder entre essas profissões, decorrente da concepção generalizada em nossa sociedade de que o trabalho intelectual é superior ao material. (ARANTES *apud* LIMA, 2005, p. 70)

Assim, de acordo com o senso comum das sociedades capitalistas, o trabalho intelectual é entendido como superior ao manual, e o artesanato, por consequência, perde parte de seu valor simbólico. No entanto, o artesanato não engloba, necessariamente, apenas o fazer manual, mas uma junção dos dois. É necessário conhecer a técnica, mas também, dar vazão à criatividade no modo de trabalhar o material. Na fala da artesã Dona Neli vemos

reforçadas as múltiplas faces do fazer artesanal: “O artesanato é uma cultura, um desenvolvimento tanto intelectual quanto de fantasias. [...] Desde muito cedo que eu trabalho com ele e não há jeito de me dispersar dele” (APÊNDICE B, p. 39). Similarmente, a artesã Nilza percebe o artesanato como “criar suas próprias ideias, botar em prática” (APÊNDICE B, p. 38). Na análise de Paulo Keller, que se baseia na percepção marxista de trabalho, o trabalho artesanal é colocado como “arte e técnica”¹. Assim, não se resumiria apenas à capacidade de criar objetos com as mãos, mas também, de projetá-los (KELLER, 2015, p. 330), ou seja, se fazem necessárias tanto habilidades criativas, quanto manuais – tanto trabalho intelectual, quanto manual. É, paralelamente, um **artefato** e um “**mentefato**”, como apontou o ex-Ministro Gilberto Gil em seu discurso de posse em 2003².

Segundo a página do Programa de Artesanato Brasileiro (PAB), artesanato é “toda produção resultante da transformação de matérias primas em estado natural ou manufaturada, através do emprego de técnicas de produção artesanal, que expresse criatividade, identidade cultural, habilidade e qualidade” (BRASIL, [2021]c, não paginado). Lima comenta sobre outros aspectos que causariam a discordância no entendimento entre os dois conceitos: “São diferenças que decorrem não apenas das distintas geografias do país, das distâncias entre os mundos rural e urbano, mas principalmente da diversidade de contextos socioculturais [...]” (LIMA, 2008, p. 69-70). Mas, como maneira de distanciar o debate da dicotomia arte-artesanato, o autor define que o artesanato é tudo aquilo feito com uso predominante das mãos e que as ferramentas ou máquinas utilizadas no processo são meros acessórios³.

“Minha proposta é que reservemos o termo artesanato para nos referir ao processo de produção do objeto, à tecnologia que, predominantemente executada com as mãos, dá forma ao objeto, independente de sua origem erudita ou popular” (LIMA, 2008, p. 73). Desta forma,

¹ “Assim, partimos da concepção marxista de trabalho humano (Marx, 1975), onde, fundamentalmente, encontramos integradas as habilidades consideradas “criativas” – a capacidade de pensar de forma criativa e de projetar um objeto – e as habilidades consideradas “manuais” – a capacidade de realizar ou executar o objeto projetado” (KELLER, 2015, p. 7)

² “Não cabe ao Estado fazer cultura, mas, sim, criar condições de acesso universal aos bens simbólicos. Não cabe ao Estado fazer cultura, mas, sim, proporcionar condições necessárias para a criação e a produção de bens culturais, sejam eles artefatos ou mentefatos. Não cabe ao Estado fazer cultura, mas, sim, promover o desenvolvimento cultural geral da sociedade. Porque o acesso à cultura é um direito básico de cidadania, assim como o direito à educação, à saúde, à vida num meio ambiente saudável.” (GIL *apud* FOLHA, 2003, não paginado)

³ “Tomada em sua acepção original, a palavra artesanato significa um fazer ou o objeto daí resultante que tem por característica o fato de ser eminentemente manual. Isto é, são as mãos que executam o trabalho. São elas o principal, senão o único instrumento que o homem utiliza na confecção do objeto. O uso de ferramentas, inclusive máquinas, quando e se ocorre, se dá de forma apenas auxiliar, como um apêndice ou extensão das mãos, sem ameaçar sua predominância.” (LIMA, 2008, p. 65)

o pintor e o artesão⁴, se ocupariam de um mesmo tipo de trabalho, o artesanal. Leitura que entra em concordância com o art. 4º, do decreto Nº 10267/2008, que regulamenta as feiras públicas de artesanato da cidade de Niterói:

Art. 4º - Para fins deste Regulamento, artesão é todo aquele que, com criatividade e versatilidade, transforma matéria básica e/ou prima em objeto de uso pessoal, decorativo e/ou típico regional, abrangendo também para efeito deste Regulamento artistas plásticos em todas as modalidades dessas artes. (NITERÓI, 2008, p. 1)

Não obstante, vários produtos comercializados na Feira do Campo de São Bento em Niterói (RJ) poderiam ser entendidos como arte e não como artesanato, como por exemplo, o trabalho de Sander Artur, artista plástico da feira do Campo de São Bento. Quando questionado sobre se perceber como artesão, confirmou, ainda que também adote o título de artista. Assim, percebemos que sua leitura sobre o artesanato foi semelhante ao significado mencionado anteriormente, com foco no modo de produção de seus quadros e acessórios. No artesanato “É o gesto humano que determina o ritmo da produção. É o homem que impõe sua marca sobre o produto.” (LIMA, 2008, p. 65). Assim, o debate é centralizado na oposição entre *artesanal* e *industrial* – “fazer manual” (mãos) e “fazer mecânico” (máquinas)⁵.



Imagem 1 – Trilogia da fartura e prosperidade. Sander Artur.

⁴ “[...] a louceira do interior, o expositor da praça, o pintor, a professora aposentada, a vendedora do shopping, a artista plástica, a tecelã e o designer de jóias, todos, sem exceção, executam com as próprias mãos o que concebem. Todos eles são artesãos” (LIMA, 2008, p. 69-70)

⁵ “Quando raciocinamos neste sentido, isto é, ao associar artesanato e mãos, temos subjacente uma outra noção, uma dicotomia na qual se colocam em pólos opostos: o fazer manual e o fazer mecânico. Neste, a interferência humana é mínima e tanto o homem quanto o produto que elabora estão subordinados à máquina que executa suas funções com quase total autonomia [...]” (LIMA, 2008, p. 65)

3 ELEMENTOS CONTEMPORÂNEOS

Dadas as primeiras reflexões conceituais sobre o artesanato, partiremos, então, para refletir sobre o âmbito material e metafórico em que o artesanato se insere. Quando pensamos na relação entre artesanato e contemporaneidade, inevitavelmente somos compelidos a delimitar algumas noções necessárias para a compreensão do que é a era em que vivemos e que valores ela supõe. A princípio, trataremos dos fluxos globais e de que maneiras o artesanato pode ser influenciado por tais demandas, trocas sociais e econômicas, das dinâmicas de trabalho que a contemporaneidade supõe. Assim, nos cabe refletir sobre o conceito de globalização:

Num sentido mais geral, acho que todos concordamos que globalização refere-se a fenômenos transnacionais de grande escala como fluxos de capital, migrações massivas, regimes flexíveis de trabalho, telecomunicações, turismo e transferências culturais. Mas num sentido mais focal, é importante enfatizar que falar de globalização é também falar das novas formas através das quais estes mesmos fenômenos *localizam* povos, pessoas, recursos, crenças e informações - e até disciplinas - em novos *networks*, forjando conexões entre indivíduos e instituições que nunca antes tiveram a chance de estabelecer contato ou promover estratégias de ajuda ou de intercâmbios mais efetivos. Falar de globalização é, portanto, falar também sobre formas altamente específicas e culturalmente determinadas através das quais as populações locais interagem, frequentemente *reagem* e continuamente *transformam* processos transnacionais. O que é muito atraente nesse caso é a percepção de que pensar a globalização é pensar tanto a *integração* quanto a *fragmentação*, é pensar tanto a *homogeneização* quanto a *diferenciação*. (BUARQUE DE HOLLANDA, 1999, p. 347, grifo da autora)

A partir das reflexões da autora acima citada, podemos concluir que é improvável o afastamento entre o fazer artesanal e as influências de um mundo global; dessa forma, podemos nos utilizar dessa abordagem e refletir sobre como se dão esses processos de **integração e fragmentação** ou **homogeneização e diferenciação**, ou seja, de que maneira esses elementos são absorvidos e de que modo são distanciados.

Dessa forma, assim como podemos entender o artesanato entre o global e o local, poderíamos vê-lo como algo que permeia valores do passado e do presente – “[...] entre a tradição e a contemporaneidade” (KELLER, 2015, p. 324). Na fala de Dona Neli (APÊNDICE B, p. 40), percebemos uma ligação com uma tradição e necessidade que se mantém atual: “Minha moda sempre foi infantil, né? [...] A gente tem muita criança, muito recém nascido... Eu gosto muito de bordar lençol, conjuntinho de cambraia, toalha de banho, isso é o que eu gosto de fazer. E sempre tem saída, é vendável e é o tempo todo”.

Ao passo que o artesanato pode ser um instrumento de geração de renda e estar sujeito às demandas do mercado e às influências globalizantes, ele também tem a possibilidade de estar conectado às tradições de determinada região ou grupo, de ser elemento fundamental da constituição de identidades individuais ou coletivas. No entanto, “[...] ver no artesanato

resquícios de uma sociedade tradicional é esquecê-lo como contemporâneo e minimizá-lo em sua importância na medida em que é através das chamadas atividades artesanais que parte significativa da população sobrevive.” (ALVIM *apud* KELLER, 2015, p. 330). Assim, percebemos que não há como pensar o artesanato como algo à parte das sociedades contemporâneas e globalizadas; das lógicas de trabalho e sobrevivência que estas supõem – assunto que viremos a tratar mais à frente. Por ora, analisemos a questão local: alguns dos artesãos entrevistados afirmaram ter tido o primeiro contato com o artesanato em suas comunidades de origem ou no próprio círculo familiar. Flávia (APÊNDICE B, p. 41) comentou sobre sua história no artesanato:

[...] eu construí uma casa e eu quis colocar quadros na minha casa, colocar telas. E como eu não podia comprar porque não tinha poder aquisitivo, eu resolvi entrar nesse curso que eu aprendi a criar essas telas... Criei tela também, em acrílico. O contato foi desde pequena, minha mãe era artesã [...]. Então eu cresci vendo ela bordar, pintar, fazer bijuteria, é uma coisa que vem desde que eu era criança.

Assim, percebemos a multiplicidade de experiências que influenciaram no seu fazer, desde desejos e necessidades individuais até demandas da sociedade atual. Flávia também comentou:

Eu tô há 22 anos aqui [...]. Eu pintava umas molduras de espelhos grandes, 1 metro e 20 por 55 [cm]. Aí tinha escrito ‘espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita, poderosa, do que eu?’, era todo coloridinho. [...] Aí eu fiz pro quarto dela [da minha filha], aí que eu comecei a fazer... Então assim, você vai adaptando com o passar dos anos.

Na fala de Sandra Lúcia Panto (APÊNDICE A, p. 32) percebemos também como essas relações de **passado e presente** e de **integração e diferenciação** atuam na vivência do artesão: “Hoje em dia, graças a Deus temos a internet, né? Porque antigamente a gente procurava cursos ou alguém que desse alguma dica... Gosto muito de ouvir as pessoas que já têm mais idade, que já trabalharam nisso. [...] E... Bom, internet é o principal, né? Com certeza”. Bem como, Nilza Fonseca (APÊNDICE B, p. 39): “Meu ponto chave é a internet. Quando eu quero criar algo diferente, eu busco a internet”.

Para Stuart Hall (2006, p. 72-73), ainda que os lugares permaneçam fixos, nosso deslocamento entre espaços e culturas tomam novas características devido às tecnologias de comunicação e deslocamento próprias do tempo.

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens - entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo (HALL, 2006, p. 74)

Rosane Kanas (APÊNDICE C, p. 47), quando questionada sobre a adaptação do artesanato às tendências, à moda e a indústria, respondeu:

O artesão que não está antenado nas tendências não vai a lugar nenhum. Você tem que ver a tendência de biju, tem época que está usando uma biju de uma lata diferente, de um capim dourado, [...] isso aí é inevitável, e eles acompanham. Porque a vitrine está lá pra qualquer um copiar.

Também comentou sobre os *Amigurumis*, bonecos de crochê que comumente são elaborados para representar ícones da cultura *pop* ou de elementos contemporâneos. Assim, vemos que esses processos exemplificam como o artesanato subverte a tradição, o mostram como elemento presente e ativo na nossa cultura, parte do constante fluxo de trocas próprios da globalização, como aponta Hall discutindo as culturas locais.



Imagem 2 – Amigurumis de Bernadete representando a personagem Wandinha, da série homônima da *Netflix*. Em seguida, Harry, Rony e Hermione da saga de filmes *Harry Potter*. E, por último, a personagem Nezuko Kamado do anime *Demon Slayer: Kimetsu no Yaiba*. Fotografias de Bernadete Getúlio.⁶

A coordenadora também comentou sobre o cenário de pandemia e isolamento, argumentando que este gerou uma mudança radical no modo como o artesão precisou se reinventar. Para Rosane Kanas a *internet*, nesse cenário, passou a ser ferramenta de vendas e de aprender novas técnicas, gerando um fenômeno inédito em proporção. Também refletiu sobre o lugar do trabalho no cenário pandêmico e do surgimento de um certo cooperativismo naquele período:

[o artesão] passou a usar Instagram, coisa que ele não fazia. Venda por internet, coisa que ele não fazia. Começou a se reciclar e teve um lance que eu achei muito legal: o cooperativismo. Um cooperativismo involuntário. [...] não tinha máscara e do nada todo mundo usando máscara. [...] eu via as pessoas, ‘olha eu peguei duas mil máscaras pra fazer, você pode fazer quantas?’ E distribuindo o trabalho entre os colegas.

Outro aspecto relatado foi relacionado a questões de saúde que levaram artesãs a rever sua técnica. A artesã Flávia (APÊNDICE B, p. 41) comentou: “de tanto eu pintar [...] eu

⁶ Bernadete participa da feira da praça Getúlio Vargas e é artesã convidada no campo de São Bento e na orla de São Francisco. Amigurumis disponíveis em: <http://instagram.com/mimosdatiadete>.

rompi um tendão do braço, então fiquei impossibilitada de pintar coisas grandes, porque eu ficava numa posição muito ruim. Aí eu me adaptei por problema de saúde”. Assim como Maria das Graças (APÊNDICE B, p. 38): “[...] eu trabalho muito com chinelos, mas hoje em dia eu não posso carregar peso, que é borracha, é muita coisa que você carrega, né? Então eu parti pra trabalhar com laços”.

Dessa maneira, percebemos diversas maneiras de criação e de exposição dos trabalhos. Um artesão ainda faz tapetes, panos de prato e outros objetos de utilidade para a casa, ainda é sujeito às limitações de ser humano – e não máquina. Mas também, em diversas situações, se alia a novas tecnologias e se utiliza delas para criar e expor mais seu trabalho. Essas novas criações muitas vezes carregam consigo influências internacionais, ainda que se mantenham em contato direto com a tradição que lhe foi passada. Também vemos como influência especial o cenário de pandemia, que reforçou nos artesãos a necessidade de encontrar novas maneiras de produzir e vender seu trabalho, que os coloca ainda mais sob essa gama de novas possibilidades.

3.1 TRABALHO

[...] embora o artesanato extrapole definições simplificadoras, sempre está demarcado por polarizações como, por um lado, tentativas de atribuir identidade às práticas artesanais nos limites daquilo que se chama “tradição cultural” e, por outro, investimentos da gestão pública no sentido de estimular e até “formar” artífices com vistas a lidar com problemas relativos ao mundo do trabalho, ao desemprego estrutural, à geração de renda e à inserção social. (MORAES *et al.*, 2020, p. 163)

Partindo da reflexão acima apresentada, entendemos que o trabalho com artesanato pode ser uma forma de sobrevivência em face do desemprego, ainda que esta solução se dê na via do trabalho informal. Como apresenta Keller (2011. p. 31), “[...] as artesãs aproveitam a experiência e o conhecimento adquiridos ao longo do tempo e, com isso, garantem uma renda mensal [...] e ao mesmo tempo reproduzem a cultura, a tradição e os costumes regionais.”. Ao longo das entrevistas realizadas através deste trabalho, pudemos perceber diferentes relatos que ressaltam os aspectos acima citados. Sandra Lúcia Panto (APÊNDICE A, p. 32) discorreu:

[...] eu sou de outro país, eu vim morar aqui no Brasil [...], comecei trabalhando com bijuteria, para vender em feira e para tirar meu sustento [...], porque também sou professora, e tinha que estudar mais, fazer outro tipo de preparatório e era um pouco mais caro... Então, fui pro artesanato que era uma coisa rápida e que me deu sustento.

No caso de Maria das Graças (APÊNDICE B, p. 37), a inserção no artesanato como forma de sobrevivência se deu por conta do desemprego do marido: “[...] minha sobrinha estava com uma bonequinha que era uma bolsinha, eu pedi minha cunhada emprestado... Não

sabia fazer nada, comprei o material, fiz e pendurei numa árvore perto de casa, coloquei a plaquinha de vender.”. Fato que intersecciona com a afirmação de Maria Antonieta (APÊNDICE A, p. 34): “Eu sou empreendedora porque eu sustentei uma família fazendo isso”. Desse modo, percebemos não só uma maneira de gerar renda em momentos de instabilidade financeira, mas também um meio pelo qual diversas mulheres encontram sua autonomia financeira. Tal fato nos aponta, ainda, a possibilidade de refletir sobre questões de gênero que por vezes impactam determinados fazeres. Em pesquisa acerca do artesanato de mulheres no Ceará, Barroso e Frota (2010, p. 9), afirmam:

Considerar o gênero como elemento estruturante e estruturado das/pelas relações sociais, implicou não apenas em reconhecer o trabalho artesanal através dos princípios da divisão social e sexual do trabalho sobre os quais repousa, mas se apropriar de um discurso revelador muito mais de potencialidades e superação, encontros e desencontros que esse tipo de trabalho representa na vida das mulheres em questão. Para além do trabalho manual, o artesanato possibilitou a vivência de uma autonomia antes impensada e modificou, sobremaneira, a dinâmica das relações familiares, ainda que mais pelos rendimentos do que pelo significado ganho para os membros da família.

Em linhas gerais, dando foco ao fazer artesanal como processo, nos cabe também a reflexão sobre o lugar que resta ao fazer quando disputando espaço com uma indústria gigantesca de bens produzidos em massa e de forma padronizada, que muitas vezes são mais baratos para o consumidor (KELLER, 2015, p. 325); nesse cenário, para o pesquisador Paulo Keller, restaria ao trabalho com artesanato o local da precariedade. Sobre o lugar do artesanato para o artesão em Niterói, Renato Ramos Januário (APÊNDICE B, p. 35) argumentou: “Eu me vejo [como empreendedor], embora o empreendedorismo hoje esteja muito difícil [...]. acho que não tá tendo é valorização, é venda, o artesão não tá mais podendo sobreviver disso [...]”. Ainda que a experiência do artesão seja apontada por Keller (2015, p. 325) como “à margem do processo e da lógica de acumulação de capital” e da indústria, as noções de empreendedorismo cada vez mais permeiam o mundo do trabalho como um todo.

Quando questionados sobre o que era considerado ao se precificar os produtos expostos na feira, parte dos artesãos disse não incluir o tempo ou o serviço prestado como parte do cálculo. Francisca (APÊNDICE A, p. 31) comentou que “[...] se eu for considerar o tempo, não tem como vender, entendeu? [...] Porque é um trabalho que é devagar”. Já Sandra Lúcia Panto (APÊNDICE A, p. 33) usava como critérios: “Sobretudo o tempo da gente que vale muito, porque é um tempo que a gente não recupera, né? E qualidade, [...] corro atrás de tecido bom, de linha boa”. Essa relação com o tempo é um aspecto muito relevante à nossa reflexão sobre o lugar do artesanato nas sociedades contemporâneas, em especial no caso de

Francisca, que evidencia como muitas vezes o artesão precisa baratear a própria força de trabalho a fim de garantir as vendas. A pesquisadora Ana Lúcia Pardo, aqui tratando da precarização do trabalho na cultura na cidade do Rio de Janeiro, faz eco às palavras de Lúvia de Tommasi:

Os indivíduos contemporâneos são incitados a viver como se fossem projetos, a se tornar, cada um, empresário de si mesmo. No âmbito da racionalidade neoliberal, a autonomia do self é, ao mesmo tempo, objetivo e instrumento das estratégias de governo. A suposta autonomia dos trabalhadores “por conta própria” faz com que, além de assumir os riscos, eles tenham que assumir o ônus do fracasso em termos de responsabilização individual: se o negócio não deu certo, é porque ele não foi um “bom empreendedor”, não tinha as qualidades e a ousadia necessárias. [...] A ideia central é que cada indivíduo tem a responsabilidade de se aproveitar das oportunidades que aparecem no caminho. Aos agentes externos, especificamente ao Estado, cabe simplesmente oferecer (de forma difusa) essas oportunidades. Assim, o direito ao trabalho é transformado em geração de oportunidade. (TOMMASI *apud* PARDO, 2021, p. 215)



Imagem 3 – Dona Francisca em sua barraca e vista da barraca da Nilza para a feira. Fotografias da autora.

4 ARTESANATO E POLÍTICAS PÚBLICAS

No Brasil, foi fundado em 1991 o Programa do Artesanato Brasileiro que, desde 2019, é gerido pela Subsecretaria de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas, Empreendedorismo e Artesanato, parte do Ministério da Economia (GOV.BR, [2021]b, não paginado). Além disso, a Lei Federal nº 13.180, de 22 de outubro de 2015 inaugurou a Carteira Nacional do Artesão que possibilita a exposição em feiras. Posteriormente, através da portaria nº 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018, foram instituídos, na esfera federal, a Comissão Nacional do Artesão e o SICAB (Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro):

[...] foi desenvolvido com o propósito de prover informações necessárias à implantação de políticas públicas e ao planejamento de ações de fomento para o setor artesanal. Como ferramenta de captação de dados do setor artesanal brasileiro, o sistema permite o cadastramento único dos artesãos do Brasil de modo a agregar as informações em âmbito nacional. (GOV.BR, 2021a, não paginado)

Em 2022, o Brasil tinha cerca de 8,5 milhões de artesãos e o setor representava 3% do Produto Interno Bruto do país, movimentando aproximadamente R\$50 bilhões por ano (ARTESANATO, 2022, não paginado).

Ao voltarmos nosso olhar para a cidade de Niterói – local de nosso estudo de caso –, percebemos que as políticas públicas viabilizam o acesso dos artesãos a um mercado, ainda que seguindo a lógica, mencionada no capítulo anterior, de geração de oportunidade. São organizadas diversas feiras públicas pelo território da cidade, estas geridas pela Casa do Artesão e pelo Fórum de Economia Solidária, e regidas pelo decreto nº 10.267/2008 de 19 de março de 2008.

O decreto em questão, regulamenta as Feiras de Artesanato no Município de Niterói, e determina no Artigo 1º “As Feiras de Artesanato serão [...] compostas por artistas plásticos e artesãos devidamente cadastrados e credenciados pela Secretaria Municipal de Urbanismo e Controle Urbano, Secretaria Municipal de Fazenda e Secretaria Municipal de Cultura.” (NITERÓI, 2008, p. 1). Aqui, nos ateremos às feiras geridas pela Casa do Artesão, que atualmente faz parte da Secretaria Municipal das Culturas de Niterói (RJ).

A princípio, vale destacar uma vitória no quesito de representação alcançado pela classe: a Casa do Artesão está sendo coordenada por uma artesã ativa na feira do Campo de São Bento há mais de 30 anos, Rosane Kanas.

Como Niterói percebia o artesanato... Não percebia, né? A gente se fazia perceber, sempre foi assim. Então sempre foi muita luta, muita luta e se a gente tem hoje o que a gente conquistou foi luta nossa. A Casa do Artesão é diferente, ontem eu recebi os dois funcionários que vão trabalhar comigo e eu falei pra eles, [...] o meu olhar da Casa do Artesão é diferente do de vocês. Vocês estão aqui pra ganhar um salário

final do mês [...]. Eu não, eu tenho paixão [...] porque isso aqui foi luta minha. [...] Eu e um grupo de pessoas lutamos por isso aqui. [...] eu falo, a casa é minha, a casa não é sua não, porque você, governo, passa. A casa é minha, eu sou artesã, eu fico aqui e [...] não saio. (APÊNDICE C, p. 45)

A Casa do Artesão é o órgão responsável por gerir uma grande parte das feiras de artesanato do município. Essas feiras são as seguintes (APÊNDICE C, p. 49):

- Feira da Praça da Getúlio Vargas, que funciona todo segundo e quarto sábado do mês;
- Feira da Orla de São Francisco, funciona no segundo domingo do mês;
- A feira da Praça Zumbi dos Palmares, funciona toda terça feira;
- A Feira da Praça César Tinoco, funciona todo sábado;
- E a feira do Campo de São Bento, funciona todo sábado e domingo do mês.

Como indica a imagem (imagem 6) abaixo, podemos notar uma centralidade das feiras na Região das Praias da Baía.



Imagem 4 – Adaptação da autora. Mapa de Regiões Administrativas de Niterói (RJ). Disponível em: <https://www.sigeo.niteroi.rj.gov.br/pages/mapas>

Respondendo a essa observação, Rosane Kanas traz uma visão da existência das feiras quase como um organismo, não como elemento inteiramente planejado, mas como um fenômeno que depende de diversos fatores para sobreviver. Tratando do surgimento da feira do Campo de São Bento, comentou:

E isso foi dando certo porque um lugar bacana, um lugar de zona sul, um lugar [...] que chama atenção, [...] que tem todos os públicos e também tem turismo [...]. Então assim, a coisa foi acontecendo, a gente já teve uma feira no Horto de Itaipu há um tempo atrás, mas aí o fator climático não ajudava, que lá é chão [de terra]. E chovia, tinha lama, não podia fazer feira e aí acabou o pessoal desanimando. A feira só acontece quando existe artesão interessado que ela cresça, né? (APÊNDICE C, p. 47)

Dessa reflexão podemos adotar alguns critérios para o sucesso das feiras: público diverso, condições físicas e materiais e artesãos interessados na manutenção da feira.

Ao longo deste trabalho foi dado foco na Feira do Campo de São Bento, já que esta é referência no município. Como comentou a artesã Flávia (APÊNDICE B, p. 42): “Essa é a melhor feira de Niterói, tá? Pra mim [...] não tem outra feira. Porque você pra vender, você tem que ter público [...]. Então, se você participa de uma feira que passa cem mil pessoas, três por cento vai comprar com você [...]”. E, além disso, é a feira mais antiga da cidade:

Os *hippies* estavam expondo ali em frente às barcas e começaram a fazer uma obra e eles não tinham pra onde ir. E alguns artesãos também. O pessoal não tinha nem barraca, era no chão, botavam uma toalha... E aí eles foram pro Campo São Bento que não era gradeado, era tudo aberto, tudo livre. O prefeito na época permitiu que eles fizessem essa exposição deles lá. [...] Eles começaram ali quarenta anos atrás, um pouquinho mais, mais ou menos. (APÊNDICE C, p. 47)

A feira também acontece com mais frequência, em comparação às outras feiras do município. Desse modo, as entrevistas proporcionaram uma diversidade de relatos mais ampla; não só do presente, mas também da história da feira.

4.1 QUESTÕES LEVANTADAS PELA CLASSE

Durante as entrevistas realizadas no Campo de São Bento estive em contato com alguns pontos que são relevantes para a compreensão das mudanças que ocorreram nos últimos anos e sobre os impactos delas na atividade. Dentre elas, a pandemia de Covid-19, a localização das feiras no território, o número de artesãos na feira, a pouca divulgação e a ausência de fiscalização.

Com base em informações do *site* da prefeitura, em 2021 houve um aumento de 50% na quantidade de expositores nas feiras de Niterói, passaram a ser 8.734 artesãos, o que representou um aumento significativo da inserção de novos profissionais nas feiras (NITERÓI, 2022b, não paginado). No entanto, ao realizar as entrevistas com artesãos da feira do Campo de São Bento, nos dias 5 e 6 de novembro de 2022, parte deles apontou as vagas abertas que não eram preenchidas. A atual coordenadora da Casa do Artesão, relatou que a ausência de novos editais é uma questão levantada há anos e afirmou que estão sendo elaborados novos editais junto à Secretaria das Culturas. Enquanto esse processo está em elaboração, novas medidas estão sendo colocadas em prática:

Nós temos no nosso decreto que a gente tem vagas para visitante. A intenção disso não era visitantes locais, mas fazer um intercâmbio cultural. [...] Eu fui na casa do artesão na época e sugeri: vamos fazer visitante enquanto esse edital não sai, porque nossa feira está esburacada [...]. A gente hoje está fazendo [...], cada final de semana é uma turma que se inscreve, então aquele pessoal que participa das outras feiras também vai ao campo São Bento como visitante. [...] (APÊNDICE C, p. 48)

No que toca à questão da divulgação, diversas questões circulam a mesma. Como comentou Rosane Kanas, são relacionadas ao turismo, à localização da feira e às atividades que acontecem paralelas à feira que são convertidas em público para a feira inevitavelmente.

[Estátuas dona Herminia e Paulo Gustavo] chama maior atenção, todo mundo vai lá tirar foto com Paulo Gustavo e aí também o campo São Bento tem os piqueniques que são autorizados, [...], aniversário, essas coisas lá nas pracinhas. E tem a galeria de arte [...], tem sempre música. Então isso tudo é um atrativo... É um atrativo pro pessoal de Niterói e pra quem é de fora também, né? Tem muito turista. (APÊNDICE C, p. 49)

Além dos elementos mencionados pela coordenadora, a feira também conta um pequeno parque de diversões, que também atrai famílias da cidade e poderia ser convertido em mais público.



Imagem 5 – Parque de diversões do Campo de São Bento.



Imagem 6 – A feira do Campo de São Bento. Fotografias da autora.

Rosane Kanas também mencionou que o trabalho de divulgação está sendo realizado via *Instagram* e *Facebook*, devido à maior possibilidade de alcance do público. Esse processo ainda está sendo estabelecido em conjunto com a equipe de comunicação da Secretaria. Esse investimento na divulgação pode fortalecer não apenas o comércio local – as feiras – e o turismo, mas também, valorizar os espaços públicos e a cultura do município. A coordenadora também comentou sobre, durante muito tempo, as feiras terem sido consideradas “feirinhas”, ou seja, menosprezadas pela visão do poder público. Ressaltou, enquanto comentava sobre as vagas em aberto: “quando eu falo com artesãos, eu falo com famílias, né?” (APÊNDICE C, p. 49). Hoje, com a nova gestão e o novo olhar dentro da Secretaria das Culturas para o artesanato, a valorização do ofício indica maiores chances de alcançar um novo patamar.

Outro elemento que acredito ser importante como medida implementada é a divulgação das páginas dos artesãos pelo perfil da Casa do Artesão e pelo perfil das Feiras nas redes sociais, atitude que está começando a ser implementada no *Instagram*. No entanto, alguns artesãos entrevistados afirmaram não se utilizarem das redes sociais para vendas. Para esses casos, seria interessante a oferta de oficinas pela Casa do Artesão em como aperfeiçoar esses perfis *online* ou oferecer alguma espécie de apoio ou consultoria para aqueles artesãos que não têm fácil acesso ou costume de usar os meios digitais, para desenvolver seus perfis, e portanto, valorizar as vendas e o artesanato Niteroiense. A gestora do Artesanato do Sebrae Nacional, Durcelice Mascene, na época da reportagem a ser mencionada, comentou:

“Ainda há muitas pessoas que não separam, por exemplo, a página pessoal da empresarial. É preciso criar identidade visual, fazer boas fotos e ter protocolos de atendimento”, indica. [...] A busca pela ampliação da rede de contato e novas parcerias também é apontada por Durce como fundamentais. Se, por exemplo, o artesão trabalha com jogos de jantar, é possível fechar novos negócios com restaurantes, bares, hotéis e redes de varejo de decoração. (ARTESANATO, 2022, não paginado).



Imagem 7 – Perfil do Instagram da Feira do Campo de São Bento no Instagram, divulgação dos produtos e perfis de Maria Emilia Pinho Rangel e Angela Tibau.⁷

Em feiras como a da praça Zumbi, no bairro do Gragoatá, aconteceram diversos shows e eventos culturais com alguma frequência, tanto para a divulgação dos artistas de Niterói, quanto para atrair mais público para as feiras. Como afirmou o antigo secretário das culturas, Alexandre Santini, “a ideia é promover um encontro da cidade consigo mesma, para que os artistas de Niterói possam se apresentar para todos e todas, nos espaços públicos” (NITERÓI, 2022, não paginado).

Ao considerarmos a questão da fiscalização e acompanhamento das feiras, tanto para criação de dados acerca dos artesãos ativos, quanto para verificação do tipo de mercadoria em circulação e da concordância com os critérios estabelecidos pela Casa do Artesão, a coordenadora (APÊNDICE C, p. 50) comentou:

Acontece o seguinte, houve muito abandono nessa questão por conta da Casa do Artesão, tá? [...] Eu já avisei, olha, semana que vem já começa a passar a presença, sabe? Porque [...] tem que cumprir um horário. [...] Hoje já tô com um menino [...] que vai retomar as chamadas de presença, vai retomar o livro de ocorrências.

As medidas acima mencionadas, são parte do regulamento das Feiras de Artesanato de Niterói, estabelecido no decreto nº 10267/2008, nos artigos 21, 24, 25 e 31:

Art. 21 - O expositor poderá indicar 1 (um) substituto para cobrir as suas faltas ou impedimentos eventuais, desde que esteja presente em no mínimo 50% (cinquenta)

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/feiracampodesaobento/>

por cento dos dias de funcionamento da Feira, sendo que somente o titular responderá perante a Coordenação Geral. Ao substituto caberá apenas a responsabilidade pela barraca em exposição. [...]

Art. 24 - Cada artesão ou artista plástico poderá ter 2 (duas) faltas durante o período de 01 (um) mês, desde que justificado por escrito no Livro de Registro em poder da Coordenação Geral. [...]

Art. 25 - O Artesão que ultrapassar mensalmente o número de faltas permitido neste Regulamento, por motivo de saúde, deverá apresentar justificação PROCURADORIA GERAL DO MUNICÍPIO BIBLIOTECA Rua Visconde de Sepetiba, 987, 6º andar, Centro - Niterói formal cabível a Coordenação Geral da Feira, caso contrário poderá ter cancelado a sua autorização. [...]

Art. 31 - Sugestões, críticas ou reclamações serão aceitas e analisadas desde que encaminhadas por escrito no livro de registro de ocorrência, em poder da Coordenação da Feira. (NITERÓI, 2008, p. 3-5)

Essas medidas podem não só tornar a feira mais organizada, como mantê-la em desenvolvimento. O livro de ocorrências, por exemplo, tem como função relatar o que não está funcionando da maneira desejada, e a lista de presença, garante que as vagas ocupadas realmente estão sendo utilizadas de modo compatível com o esperado. Assim, a gestão terá mais dados para aprimorar o funcionamento da feira. A maior divulgação também é uma questão de extrema importância, a realização de eventos, a elaboração das redes sociais de modo a se tornar mais convidativa ao público da cidade e ao turismo, são todos elementos que, se colocados em prática, impactarão a vida de diversos artesãos atuantes nas feiras públicas de Niterói (RJ) e na reprodução de um modo de fazer que, nas palavras do pesquisador Ricardo Gomes Lima, acompanha o tempo da própria humanidade⁸. Ainda que esse processo de revalorização esteja em andamento, as ações previstas indicariam o desenvolvimento da feira do Campo de São Bento, com mais atenção e mais ação por parte da gestão pública.

⁸ “Durante milênios foi o único modo que se tinha de fazer objetos. O mundo humano foi feito à mão. Se pensarmos no volume de objetos que já se produziu, manualmente, percebemos que é uma coisa impressionante e incalculável mesmo, porque acompanha o tempo da própria humanidade.” (LIMA, 2011, p. 189).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho analisamos os possíveis entendimentos do que é o artesanato, o colocando em contraste com a **arte**, para então, entender o artesanato como um modo de fazer que está em oposição ao **industrial**. Posteriormente, compreendemos elementos fundamentais das sociedades contemporâneas neoliberais, como a globalização e o empreendedorismo, para então, perceber como as experiências dos artesãos profissionais se alteram ou se mantêm nesse cenário. Partimos de entrevistas com artesãos da Feira do Campo de São Bento e com a Coordenadora da Casa do Artesão, considerando como as políticas públicas da cidade de Niterói atuam em relação ao fazer.

Este tema se faz relevante considerando possíveis caminhos para as políticas públicas e a localização do fazer artesanal no mundo contemporâneo, para através dele compreender melhor as dinâmicas do nosso tempo como, também, entender qual o espaço do artesanato diante as sociedades neoliberais, a globalização, as novas tecnologias, as demandas do mercado de trabalho. Dessa forma, através do presente trabalho foi possível investigar se os artesãos de Niterói (RJ) adaptam seus produtos de acordo com as demandas do mercado e das influências das redes sociais, refletir sobre de que maneira os artesãos do município são permeados pelas noções de empreendedorismo e analisar como as políticas públicas viabilizam a atuação desses sujeitos.

Percebemos através das entrevistas que há um artesanato entendido como “tradicional” nas feiras, assim como encontramos entrelaces desses fazeres tradicionais com elementos contemporâneos. Da mesma maneira, vimos que a *internet* se tornou parte da vida desses artesãos, mas que também as vitrines e o contato direto com o público pode ser fonte de inspiração. Entendemos que as noções de empreendedorismo afetam os artesãos de maneiras diferentes: enquanto alguns se orgulham do título de empreendedor e entendem que ser empreendedor no artesanato foi o caminho para a autonomia financeira e a sobrevivência das próprias famílias, outros entendem o empreendedorismo em conjunto com as dificuldades de produzir e vender seus próprios produtos e ser inteiramente dependente de si. Que as políticas públicas nem sempre colocaram as feiras num lugar de reconhecimento e prioridade, e que, com a nova gestão da Casa do Artesão, temos maiores possibilidades de compreensão das demandas do setor.

Portanto, entendemos que o artesanato sofre deslocamentos ao passo que os tempos avançam, mas também encontramos nele história e tradição. A tradição para se manter viva exige adaptação. Aos novos tempos, aos novos meios de comunicação e produção, às novas

tecnologias e às novas necessidades. Dada a natureza do estudo aqui apresentado – trabalho de conclusão de curso –, muitos fatores permanecem em aberto, como, por exemplo, uma análise mais específica de como os meios de comunicação digitais se entrelaçam com o ofício. Para as políticas públicas, ainda há muitos caminhos a serem percorridos e possibilidades a serem verificadas, como as indicações de mudanças que abordamos ao longo do desenvolvimento e o surgimento de novas perguntas e respostas para o desenvolvimento do fazer artesanal no município.

REFERÊNCIAS

- ARTESANATO vive movimento de crescimento de demanda e do número de profissionais cadastrados. ASN, Brasil, 5 out. 2022. Modelos de negócios. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/modelos-de-negocio/artesanato-vive-movimento-de-crescimento-de-demanda-e-do-numero-de-profissionais-cadastrados/>. Acesso em: 12 jun. 2022.
- BARROSO, H. C.; FROTA, M. H. P. A trama do trabalho artesanal para mulheres cearenses: desvendando códigos de gênero. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS*, 9., 2010, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1-11. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278297991_ARQUIVO_fazendogenero.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. A cultura extraviada nas suas definições. *In: CANCLINI, N. G. Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- GOV.BR. **Cadastramento Único dos Artesãos do Brasil**. Brasil, 2021. Empresas & Negócios. Portal do artesanato brasileiro. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/artesanato/cadastro-1>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- GOV.BR. **Programa do artesanato brasileiro (PAB)**. Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/artesanato/conheca-o-pab/programa-do-artesanato-brasileiro-pab-1>. Acesso em: 8 jul. 2022.
- GOV.BR. **Perguntas frequentes**. Brasil, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/artesanato/perguntas-frequentes-1?_authenticator=d5218574c4326b87aaf01bbccd4e8261bb368be2. Acesso em: 10 jun. 2023.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KELLER, P. F. O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea. **Revista de Ciências Sociais: Política & Trabalho**, [S. l.], v. 2, n. 41, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/21342>. Acesso em: Acesso em: 7 jul. 2022.
- KELLER, P. F. Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 31-40, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/15646>. Acesso em: Acesso em: 7 jul. 2022.
- LIMA, Ricardo Gomes. Engenho e arte. *In: SILVA, René Marc da Costa (org.). Cultura popular e educação*. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação a Distância, 2008.
- MORAES, M. D. C. de; SERAINE, A. B. M. dos S.; BARBOSA, C. Artesanato e políticas públicas no Brasil: uma trajetória entre economia e cultura. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, [S. l.], v. 10, n. 25, p. 159–182, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/3499>. Acesso em: 17 out. 2022.

NITERÓI (RJ). Prefeitura. **Feiras de Artesanato da cidade contam com novas programações artísticas**. Niterói, 7 set. 2022. Disponível em: <http://www.niteroi.rj.gov.br/2022/09/07/feiras-de-artesanato-da-cidade-contam-com-novas-programacoes-artisticas/>. Acesso em: 4 nov. 2022.

NITERÓI (RJ). Prefeitura. **Número de artesãos nas feiras públicas de Niterói cresce 50% em 2021**. Niterói, 12 jan. 2022. Disponível em: <http://www.niteroi.rj.gov.br/2022/01/12/numero-de-artesaos-nas-feiras-publicas-de-niteroi-crece-50-em-2021/>. Acesso em: 3 nov. 2022.

NITERÓI (RJ). Prefeitura. **Prefeitura de Niterói oferece oficinas gratuitas de artesanato**. Niterói, 22 jun. 2022. Disponível em: <http://www.niteroi.rj.gov.br/2022/06/22/prefeitura-de-niteroi-oferece-oficinas-gratuitas-de-artesanato/>. Acesso em: 04 nov. 2022.

NITERÓI (RJ). Decreto nº 10267, de 19 de março de 2008. Regulamenta as Feiras de Artesanato no território do Município de Niterói. Niterói: Prefeitura Geral do Município, 2008. Disponível em: http://pgm.niteroi.rj.gov.br/legislacao_pmn/2008/DECRETOS/10267_Feira_de_Artesanato_Regulamento.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

PARDO, A. L. A crescente precariedade do trabalho na cultura na cidade do Rio de Janeiro. **PragMATIZES**: Revista Latino-Americana Estudos em Cultura, Niterói (RJ), ano 11, n. 21, p. 188-228, set. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/48928>. Acesso em: 10 jun. 2023.

FOLHA. **Leia a íntegra do discurso de posse de Gilberto Gil**. Folha Online. 2 jan. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2023.

APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS REALIZADAS NO CAMPO DE SÃO BENTO NO DIA 5 DE NOVEMBRO, CAMPO DE SÃO BENTO

a) FRANCISCA

Entrevistadora: Qual seu nome, idade e...

Francisca (Artesã): Francisca, eu tenho 63 anos, trabalho aqui há 35 anos [risada]

Entrevistadora: E quanto tempo a senhora é artesã?

Francisca (Artesã): Então, aqui mesmo eu comecei aqui já tenho 35 anos. Com mais o... Desde que me entendi que eu sou artesã, né? [risada] Por que eu sou nordestina, então lá eu fazia rede, eu fazia chapéu, fazia coxim e aqui, como não tem nada disso pra eu fazer... que o chapéu não tem a palha, a rede não tem tear para fazer nem o material, então aqui eu passei a fazer só o crochê e o bordado. Mas no momento só tô mesmo no crochê, porque não dá tempo de fazer tudo, né?

Entrevistadora: Agora a outra, é... Como foi seu primeiro contato com o artesanato e hoje como você continua se aperfeiçoando?

Francisca: Olha.... Aqui, eu já sabia fazer. Assim, em casa a gente fazia, só que eu tinha uma irmã, uma freira lá na Atalaia, e ela me indicou pra mim fazer a prova aqui na Neltur, antigamente era ali na... no largo do São Francisco, né? Neltur. Aí eu fui lá, fiz a prova e aí então fui aprovada, e aí foi o tempo que eu vim pra cá. E aí, então... Tô até agora.

Entrevistadora: Mas, então, como você continua se aperfeiçoando?

Francisca: Ih, continuo... Continuo... Continuo atualizando, meu trabalho é esse. E continuo fazendo. Eu faço uma encomenda e faço outra, e é assim.

Entrevistadora: Você viu que ao longo do tempo o seu trabalho foi alterado pela necessidade de vender ou por influências sociais, moda?

Francisca: Olha, foi assim, eu comecei a vender, as pessoas começaram a comprar, gostaram... E... E eu sempre faço uma encomenda ou outra, então sempre as pessoas me procuram porque o atendimento, você tem que atender as pessoas, você tem que ter respeito, educação, né? E saber conversar com as pessoas e saber fazer o seu trabalho, que a pessoa chega, pergunta, e você tem que saber dizer como é que faz. E eu pego sempre encomenda de algumas pessoas que vem lá de fora, vem aqui e aí eles vão embora, gostam muito. E aí depois, tem o elogio, né? E me encomenda, eu faço, porque eu sou muito sincera né? Porque a gente tem que ser muito sincera em tudo que a gente vai fazer.

Entrevistadora: A senhora se vê como empreendedora?

Francisca: É, como que seja, né?

Entrevistadora: Porque a senhora acumula a função de vendedora e...

Francisca: É, eu compro material e faço, então...

Entrevistadora: Mas você adotaria essa palavra pra você? Você se apresentaria como empreendedora?

Francisca: É, porque... até que quando eu abri a conta pra poder ter a maquininha, eu tive que ser, senão a gente não conseguia a máquina na época. Então eu mudei... eu sou como empreendedora.

Entrevistadora: Ok... O que você considera na hora de dar preço pros seus produtos?

Francisca: Não entendi não...

Entrevistadora: É tipo... O tempo que você dedica pra fazer aquele produto... o material...

Francisca: Não... Porque, é... Não, eu não me considero tempo, não considero tempo, porque se eu for considerar o tempo, não tem como vender, entendeu?

Entrevistadora: Então o tempo não entra nessa contabilização?

Francisca: Não, não entra... Porque é um trabalho que é devagar então se eu for botar o tempo que dá pra eu fazer, eu não vou conseguir vender, então...

Entrevistadora: Mas a senhora considera... Por exemplo, a senhora disse que é microempreendedora, você considera essa taxa do MEI no valor dos produtos...

Francisca: É, porque é assim... eu faço, eu avalio o material, gastei x, então eu vou avaliar o material pra poder eu cobrar, entendeu? É o que eu gasto, nem assumo assim o meu tempo, eu avalio o material que eu gasto, tendeu?

Entrevistadora: Como você vê... A administração pública de Niterói como uma viabilizadora do seu trabalho?

Francisca: Olha, Niterói eu não tenho muito o que reclamar não... Até hoje não tenho não, o que reclamar não...

Entrevistadora: Você acha que as feiras públicas são...

Francisca: É ótimo, só que a única coisa que a prefeitura teria que fazer é porque tem muita vaga aqui no campo de São Bento e eles não tão botando as pessoas. Tem muitas pessoas que são visitantes que são artesão, e eles não tão botando as pessoas para preencher essas vagas. Então o Campo de São Bento está ficando vazio, porque tem muita vaga, mas eles não estão colocando as pessoas. Agora se inscreveram, mas eu não sei como é que...

Entrevistadora: É, agora teve um cadastro... Acho que há umas semanas atrás.

Francisca: Sim, teve, teve... Teve um cadastro, mas aí eu ainda não sei como que ficou... Como que vai ser, quando vai ser...

Entrevistadora: Esperemos que chegue gente nova.

Francisca: É... Porque aqui né, é um lugar que as pessoas frequentam, e é um lugar conhecido já em vários lugares, países até. E aí é isso, mas eu gosto daqui.

Entrevistadora: A última pergunta é uma questão de formalidade... É perguntar se a senhora autoriza o uso dessas informações para construção de trabalho acadêmico.

Francisca: Tudo bem.

b) SANDRA

Entrevistadora: Qual seu nome, idade e o tempo que você trabalha como artesã e o tipo de artesanato que você faz?

Sandra (artesã): Meu nome é Sandra Lúcia Panto, tenho 55 anos, trabalho no campo de São Bento, fabrico almofadas...

Entrevistadora: Há quanto tempo?

Sandra: Há 12 anos. Entre 12 e 15 anos já que estou aqui.

Entrevistadora: Como foi seu primeiro contato com o artesanato e hoje como você melhora sua técnica?

Sandra: Como eu sou de outro país, eu vim morar aqui no Brasil, aí não encontrei, é... Comecei trabalhando com bijuteria, para vender em feira, né? Para tirar meu sustento esse foi meu contato com artesanato... Assim, porque também sou professora, e tinha que estudar mais, fazer outro tipo de preparatório, né? E era um pouco mais caro... Então, fui pro artesanato que era uma coisa rápida e que me deu sustento.

Entrevistadora: Você era professora de quê?

Sandra: De alfabetização, alfabetizei muita criança já.

Entrevistadora: Hoje como você melhora sua técnica?

Sandra: Ai, hoje em dia graças a deus temos a internet, né? Porque antigamente a gente procurava cursos, né? Ou alguém que te dê alguma dica... Gosto muito de ouvir as pessoas que já tem mais idade, que já trabalharam nisso... Então sempre dá alguma dica também, né? Gosto muito de ouvir as pessoas que já tem mais idade, que já trabalharam nisso. Então, sempre me dão alguma dica também, né? E... e bom, internet é o principal, né? Com certeza.

Entrevistadora: Você viu ao longo do tempo a sua prática sendo alterada pela necessidade de vender ou pela influência das redes sociais, e... outros aspectos sociais?

Sandra: Mais pela influência das redes sociais, com certeza... Sim, sim. Apesar de que o contato com o público continua sendo uma coisa que as pessoas preferem ainda, né? As pessoas estão muito carentes afetivamente, então... é... continua sendo meu ponto forte isso.

Tem muita cliente que volta porque eu sou carismática, eu dou atenção, eu olho no olho, sabe? Mas, este... eu vejo que a informatização, né?... Ampliou as vendas.

Entrevistadora: Você se vê como empreendedora?

Sandra: Sim... Sim.

Entrevistadora: Você considera o que na hora de dar preço aos seus produtos?

Sandra: Qualidade, sim... Tempo, que não volta... Sobretudo o tempo da gente que vale muito, porque é um tempo que a gente não recupera, né? E qualidade, já sou filha de estrangeiro, filha de italiano... italiano queria tudo coisa boa. [frase em outro idioma] Então é bom... E corro atrás de tecido bom, de linha boa...

Entrevistadora: Ok... É... Como você percebe o papel da administração pública de Niterói na viabilização do trabalho com artesanato? As feiras públicas, e todos esses quesitos...

Sandra: Olha... eu acho que já foi melhor, já estou há 15 anos e já vi um pouco de decadência. Já foi melhor... Mas não posso reclamar, eu tenho o meu, mas acho que também faço minha parte. Então por isso que...

Entrevistadora: Mas como foi melhor?

Sandra: Como que já foi melhor? As feiras foram melhor consideradas, melhor cuidadas, tínhamos a administração, a casa do artesão, que hoje em dia não temos, passamos a entrar na casa da cultura, com um espaço menor, com menos atenção, não temos fiscalização. E tudo isso.

Entrevistadora: Agora é uma questão de formalidade... Você autoriza o uso dessas informações para pesquisa acadêmica.

Sandra: Sim, sim. Boa sorte, viu?

c) MARIA ANTONIETA

Entrevistadora: Qual seu nome, idade e o tempo que você trabalha como artesã e o tipo de artesanato que você faz?

Maria Antonieta (Artesã): Certo... Olha, eu sou Maria Antonieta, idosa, o tempo que eu tenho como artesã... Aqui no Campo 35 anos, mas eu já era artesã antes, tá? eu acho que já nasci artesã [risada]. Já fiz várias coisas, e idade, que você tava falando? Idade... 79.

Entrevistadora: É... Tipo de artesanato que você faz.

Maria Antonieta: No momento eu faço bijuteria, mas eu também tenho é... que eu faço artesanalmente hacks para prancha, certo? E pra carregar na bicicleta e para pendurar também na parede... Não aqui, mas em casa, tá? Aqui é bijuteria e arranjos, arranjos para cabeça, né?

Entrevistadora: Como foi seu primeiro contato com artesanato e hoje como você aperfeiçoa sua técnica?

Maria Antonieta: Olha, meu contato eu acho que já disse pra você, eu já nasci artesã. Minha mãe era artesã, e eu comecei a fazer bijuteria, um dia eu peguei o alicate do meu marido, que trabalhava com alicate, e comecei a fazer. Nunca ninguém me ensinou, certo? Hoje em dia eu faço tudo em bijuteria.

Entrevistadora: Então o aperfeiçoar é uma coisa mais...

Maria Antonieta: Ah, é... É meu isso.

Entrevistadora: Você viu ao longo do tempo sua prática sendo alterada pela necessidade de vender, ou por redes sociais, influência ou o que o público pedia...

Maria Antonieta: Olha, eu não tenho necessidade disso... Como eu faço várias coisas, aqui me basta. Até pela minha idade, né...

Entrevistadora: A senhora se vê como empreendedora?

Maria Antonieta: Eu sou empreendedora porque eu sustentei uma família fazendo isso.

Entrevistadora: O que você considera na hora de dar preço aos seus produtos?

Maria Antonieta: Eu considero meu trabalho, meu principal, e o custo do material.

Entrevistadora: Então o tempo entra nessa conta?

Maria Antonieta: Isso... O custo do material e o meu trabalho.

Entrevistadora: Como você percebe o papel da administração pública de Niterói na viabilização do trabalho como artesã?

Maria Antonieta: Olha, no momento, eu não tenho nada que me queixar. Nunca ninguém me chamou atenção, sempre foram receptivos comigo, não tenho nada a reclamar.

Entrevistadora: Agora é uma questão de formalidade... Você autoriza o uso dessas informações fornecidas para pesquisa acadêmica.

Maria Antonieta: Tranquilo!

**APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS REALIZADAS NO CAMPO
DE SÃO BENTO NO DIA 6 DE NOVEMBRO, CAMPO DE SÃO BENTO**

a) RENATO RAMOS

Entrevistadora: Qual seu nome, idade e o tempo que você trabalha como artesã e o tipo de artesanato que você faz?

Renato (artesão): Meu nome é Renato Ramos Januário, tenho 55 anos e trabalho com madeira.

Entrevistadora: O que você entende por artesanato?

Renato: O artesanato pra mim é algo muito assim... Muito próprio, que a pessoa cria e... pra viver, como uma forma de sobrevivência mesmo. Porque a pessoa tem assim, uma... como eu posso dizer? Ela coloca uma identidade própria no seu trabalho, e ela vive daquilo ali. É algo próprio, verdadeiro. Sei lá... Artesanato pra mim é algo muito próprio né. Coisa de cada um, né?

Entrevistadora: Como foi seu primeiro contato com artesanato e hoje como você continua melhorando o jeito que você produz os seus produtos?

Renato: O meu primeiro contato foi com duas crianças brincando, de madeira, com pedacinhos de madeira, e aí eu peguei aqueles pedacinhos de madeira e reproduzi... E a partir daí eu não parei mais, eu comecei a diversificar o trabalho, criar umas coisas diversificadas... Houve uma revolução.

Entrevistadora: Há quanto tempo, também, você é artesão?

Renato: Sou artesão há uns 25 anos, mais ou menos.

Entrevistadora: Você viu que ao longo do tempo mudar mais ou menos o modo como você construía seus produtos para vender, ou pra se manter no...

Renato: Sim, eu tive que mudar algumas coisas, comecei com um tipo de produto, aí ao longo dos anos eu vim mudando. Hoje eu mudei, porque eu trabalhava com semente natural, hoje eu tô no natural mas é a madeira... Então eu mudei completa... mudei aí 100%.

Entrevistadora: Você se vê na posição de empreendedor?

Renato: Eu me vejo, embora o empreendedorismo hoje esteja muito difícil, tá entendendo? Ser empreendedor na área do artesanato hoje. Tá sendo muito complicado, muito difícil...

Entrevistadora: O que você considera na hora de dar preço aos seus produtos? Tipo, tempo... é... Material gasto, o que você considera?

Renato: O preço que eu faço, eu nem incluo gasto... nem incluo meu tempo. Eu joga um preço, eu apenas joga, deduzo, aquilo que... Porque 100% da matéria prima aqui, eu não gasto nada, então eu joga um preço que eu vivo disso, então...

Entrevistadora: Como você percebe que Niterói torna possível você continuar trabalhando como artesão? Pode ser positivamente ou negativamente... Niterói tem uma quantidade de feiras bem legal, eu não sou artesã profissional então não tenho como falar, mas as feiras elas de alguma forma...

Renato: Ajudam muito, né, desenvolve... Mas é aquilo que eu falei pra você, acho que num tá tendo é valorização, é venda, o artesão não tá mais podendo sobreviver disso, só com isso. Ele tem que ter outro meio de sobrevivência para conciliar com isso...

Entrevistadora: A última é uma formalidade... É de você autorizar eu usar essas informações que você me passou pra construir minha pesquisa.

Renato: Sim, autorizo.

b) **FERNANDA**

Entrevistadora: Qual seu nome, idade e o tempo que você trabalha como artesã e o tipo de artesanato que você faz?

Fernanda (artesã): Fernanda Lopes Gomes, tenho 74 anos, já faço artesanato há mais de 20... E meu é madeira, decoupage, pintura em madeira.

Entrevistadora: O que você entende que artesanato significa? Como você percebe o fazer artesanal?

Fernanda: Pra mim é uma terapia... Agora, são peças que não se encontra em lugar nenhum, você faz, é aquela e ninguém tem igual.

Entrevistadora: Como foi seu primeiro contato com artesanato e hoje como você continua melhorando seus produtos?

Fernanda: Eu continuo com cursos, que mais?

Entrevistadora: Como foi seu primeiro contato com artesanato

Fernanda: Sempre gostei, desde nova. Era bordado, era pintura em tecido, era porcelana. Sempre fiz artesanato.

Entrevistadora: Você viu ao longo do tempo a sua prática, os seus produtos alterados pela necessidade de vender ou por influência de redes sociais, essas coisas assim?

Fernanda: Necessidade de vender, sim, porque é um salário, um dinheiro a mais, né, um complemento de salário. Mas nas redes sociais não, eu não exponho.

Entrevistadora: A senhora se vê na posição de empreendedora?

Fernanda: Sim, com certeza! Com certeza! O que eu faço aqui, nada mais... Isso é meu, é uma firma minha, só eu faço, só eu tenho.

Entrevistadora: O que você considera na hora de dar preço aos seus produtos?

Fernanda: Eu boto o valor da peça mais o valor do meu trabalho.

Entrevistadora: Como você percebe a administração pública de Niterói como uma coisa que viabiliza o seu trabalho?

Fernanda: Péssima, eles não divulgam... Inclusive nesse campo aqui, não tem um atrativo, não fazem uma propaganda do campo, de expor, fazer atividades aqui dentro pra melhorar e pra divulgar o que se tem aqui dentro de Niterói.

Entrevistadora: A última é uma formalidade... É se a senhora autorizar eu usar essas informações que você me passou pra construção do meu trabalho.

Fernanda: Pode, à vontade!

c) **MARIA DAS GRAÇAS**

Entrevistadora: Qual seu nome, idade e o tempo que você trabalha como artesã e o tipo de artesanato que você faz?

Maria das Graças (Artesã): Eu me chamo Maria das Graças, estou aqui no campo há 32 anos, meu artesanato aqui é variado. Eu faço trabalhos com laços, arcos, chinelos, entendeu?

Entrevistadora: O que você entende que o artesanato significa?

Maria das Graças: Pra mim é uma terapia, a gente tá sempre inspirado para fazer mais e mais, e outros artesanatos... Só não dá tempo, mas é muito bom.

Entrevistadora: Como foi seu primeiro contato com artesanato e como você continua melhorando seus produtos?

Maria das Graças: O primeiro contato foi muito engraçado, né? Marido desempregado, aí minha sobrinha estava com uma bonequinha que era uma bolsinha, eu pedi minha cunhada emprestado... Não sabia fazer nada, comprei o material, fiz pendurei numa árvore perto de casa e coloquei a plaquinha de vender. E ali eu fui me inspirando em outras coisas sem fazer curso.

Entrevistadora: Você viu ao longo do tempo a sua prática alterada porque você tinha que vender ou por redes sociais, ou por influências... moda?

Maria das Graças: Não... Não. Não tenho redes sociais pra venda, só trabalho aqui mesmo, e sempre que eu quero mudar, que aquilo não tá me fazendo mais bem... Por exemplo, eu trabalho muito com chinelos, mas hoje em dia eu não posso carregar peso, que é borracha, é muita coisa que você carrega, né? Então eu parti pra trabalhar com laços.

Entrevistadora: Você se vê na posição de empreendedora?

Maria das Graças: Sim.

Entrevistadora: O que você considera na hora de dar preço aos seus produtos?

Maria das Graças: Ah, eu vejo o preço de cada coisa e faço minha conta ali, no que vai sair, né? Tirar o meu.

Entrevistadora: Como você percebe, Niterói como cidade, como uma viabilizadora ou não do seu trabalho? Você entende que Niterói facilita, atrapalha? Qualquer coisa positiva ou negativa.

Maria das Graças: Não... Facilita, estou aqui no campo há mais de 32 anos. Muito bom... Já passou muita gente e eu continuo aqui. Muita gente saiu, e eu continuo aqui trabalhando.

Entrevistadora: Agora é uma questão de formalidade mesmo... Você autoriza que eu use as informações recolhidas para construção da minha pesquisa sobre artesanato?

Maria das Graças: Aham... Sim.

d) **NILZA**

Entrevistadora: Qual seu nome, idade e o tempo que você trabalha como artesã e o tipo de artesanato que você faz?

Nilza (artesã): Nilza Fonseca, 68 anos, o que mais você perguntou?

Entrevistadora: Tempo que você trabalha como artesã...

Nilza: 35 anos.

Entrevistadora: e o tipo de artesanato que você faz.

Nilza: Origami, incenso em cristais, pintura em gesso, pátina, etc.

Entrevistadora: O que você entende que o artesanato significa?

Nilza: É criar suas próprias ideias, botar em prática.

Entrevistadora: E pra você?

Nilza: Ah, pra mim é um... muito bem, meu estresse, me ajuda. É uma terapia pra mim.

Entrevistadora: Como foi seu primeiro contato com artesanato e como você continua melhorando seus produtos?

Nilza: Meu primeiro contato foi no colégio, na aula de artes, depois foi fazendo curso e me aperfeiçoando.

Entrevistadora: Você viu ao longo do tempo a sua prática alterada porque você tinha que vender ou por redes sociais, ou por influências... moda?

Nilza: Agora a internet, né? Meu ponto chave é a internet. Quando eu quero criar algo diferente, eu busco a internet.

Entrevistadora: Você se vê na posição de empreendedora?

Nilza: ... Não, me vejo não.

Entrevistadora: O que você considera na hora de dar preço aos seus produtos?

Nilza: Custo e o tempo que eu gasto nele, né?

Entrevistadora: Como você percebe que Niterói viabiliza o seu trabalho?

Nilza: Não, ainda não viabiliza não. Precisa, eu acho que falta divulgação das feiras. Em outros lugares que eu conheci Friburgo, Nova Friburgo, lá o artesanato é visto como uma fonte deles lá. E aqui não, Niterói ainda não divulga.

Entrevistadora: Mas a feira tem algum lado positivo?

Nilza: A energia do campo de São Bento.

Entrevistadora: Agora é uma questão de formalidade... Você autoriza que eu use as informações recolhidas para construção da minha pesquisa?

Nilza: Pode... Pode, fica à vontade tá?

e) **NELI**

Entrevistadora: Qual seu nome, idade e o tempo que você trabalha como artesã e o tipo de artesanato que você faz?

Filha da Neli: Dona Neli, 85 anos, está há 35 anos aqui, mas trabalha desde os 6 anos de idade na arte.

Entrevistadora: O que você entende que o artesanato significa?

Neli: Ah, o artesanato é uma cultura, um desenvolvimento tanto intelectual quanto... fantasias, também, né? E pra mim é muito importante o artesanato. Desde muito cedo que eu trabalho com ele e não há jeito de me dispersar dele, é importante.

Entrevistadora: Como foi seu primeiro contato com artesanato e como você continua melhorando seus produtos?

Neli: O meu primeiro contato foi com minha mãe, ela era artesã, era costureira, bolsista, e eu cedo comecei a trabalhar com ela. E até hoje ainda trabalho.

Entrevistadora: E como hoje você continua aperfeiçoando o seu trabalho?

Neli: Ah, sim, a gente continua aprendendo mais, né? Cada vez que a gente viaja a gente vê coisa nova, aí cria, eu sou muito de criar, faço meus desenhos, meus riscos, né? E continuo, né?

Entrevistadora: Você viu ao longo do tempo a sua prática alterada porque você tinha que vender ou por redes sociais, ou por influências... moda?

Neli: Minha moda sempre foi infantil, né? E a infantilidade é crescente, né? A gente tem muita criança, muito recém nascido... Eu gosto muito de bordar lençol, conjuntinho de cambraia, toalha de banho, isso é o que eu gosto de fazer. E sempre tem saída, é vendável e é o tempo todo.

Entrevistadora: Você se vê na posição de empreendedora?

Neli: Sim... Eu faço meu trabalho, eu vendo aqui, eu pago meus direitos na prefeitura, né? Eu acho que sim.

Entrevistadora: O que você considera na hora de dar preço aos seus produtos?

Neli: Eu tenho que fazer uma base do conteúdo do material que eu empreguei, da minha mão de obra, e aí faço meu preço.

Entrevistadora: Como você percebe que Niterói viabiliza o seu trabalho? Negativa ou positivamente.

Neli: Niterói pra mim é positivo, tenho sempre minhas clientes, tenho 28 anos de trabalho aqui no campo de São Bento, e sempre tive cliente pro meu trabalho. Niterói é fantástico, essa criação de moda, muito bom.

Entrevistadora: Agora é uma questão de formalidade mesmo... Você autoriza que eu use as informações recolhidas para construção da minha pesquisa sobre artesanato?

Neli: Ué, sim.

f) FLÁVIA

Entrevistadora: Qual seu nome, idade e o tempo que você trabalha como artesã e o tipo de artesanato que você faz?

Flávia: Meu nome é Flávia, tenho 58 anos, trabalho há 24 com artesanato. Eu faço pintura em vidro, pintura acrílica, faço bijuteria, um pouquinho de cada coisa.

Entrevistadora: Como foi seu primeiro contato com artesanato e como você continua aperfeiçoando sua técnica?

Flávia: Meu primeiro contato foi em 98, quando eu saí do trabalho que eu tinha e... na Varig, e fui fazer um curso no São Vicente, que é da associação de pais e mestres. Meus filhos estudavam lá. Ai como eu fiquei sem chão, na época que eu fui demitida, né? Aí resolvi preencher, aí eu fui fazendo esses cursos que passei a ter interesse. [...]

Desde criança tive contato com artesanato, sempre gostei de artesanato, como eu construí uma casa e eu quis colocar quadros na minha casa, colocar telas. E como eu não podia comprar porque né, não tinha poder aquisitivo, eu resolvi entrar nesse curso que eu aprendi a criar essas telas... Criei tela também, em acrílico. O contato foi desde pequena, minha mãe... era artesã, era enfermeira também, fazia artesanato, então eu cresci vendo ela bordar, pintar, fazer bijuteria, então é uma coisa que vem desde que eu era criança.

Entrevistadora: O que você entende que o artesanato significa?

Flávia: Artesanato é quando você pega uma peça do nada, e cria alguma coisa naquela peça, né? Por exemplo, eu pego um pedaço de acrílico e transformo ele num relógio, né? Todo pintado a mão e aquilo tudo. De quase nada você faz alguma coisa, você elabora um produto.

Entrevistadora: Você viu ao longo do tempo seu trabalho teve que mudar para se adaptar tanto à moda, influência de redes sociais ou necessidade de vender?

Flávia: Então, eu não sei se você se lembra, mas eu tô há 22 anos aqui. Eu pintava umas molduras de espelhos grandes, 1 metro e 20 por 55[cm]. Aí tinha escrito “espelho espelho meu, existe alguém mais bonita, poderosa, do que eu?”, era todo coloridinho. E naquela época, minha filha que tinha 10 anos, ela foi quem me falou “Mãe, faz assim, que essas bonequinhas tão na moda...”. Aí eu fiz pro quarto dela, aí que eu comecei a fazer... Então assim, você vai adaptando com o passar dos anos, há 22 anos atrás, eu tinha 36 anos. Aí o que aconteceu? De tanto eu pintar eu tive uma capsulite adesiva, eu rompi um tendão do braço, então fiquei impossibilitada de pintar coisas grandes, porque eu ficava numa posição muito ruim. Aí eu me adaptei por problema de saúde, aí eu resolvi pintar essas mandalinhas menores, o chaveirinho, as peças menores, entendeu? As bijuterias são coisas que eu trabalho que eu num me esforço tanto pra carregar, eu pintava baú, eu pintava eh pendurador de roupa, pendurava quadros pintava muita coisa, muita coisa, meu trabalho é muito eu mudo, não é que eu mude, eu continuo com ramo de pintura, mas eu consigo mudar. E não é moda não, coisa da minha cabeça mesmo.

Entrevistadora: Você se vê na posição de empreendedora?

Flávia: Também né? Quem trabalha quem faz artesanato normalmente... Eu faço meu artesanato. Quem normalmente cria, não gosta muito de comercializar. Então, meu marido complementa isso pra mim, entendeu? Que é chato, né? Cê cria a peça, não sei, às vezes a pessoa é melhor pra vender, tem mais simpatia, mais paciência, né? E a gente que cria não tem muito esse lado financeiro, não visa só isso, né? Lógico que visa também, mas o lance é mais prazer, é o meu prazer, tendeu?

Entrevistadora: O que você considera na hora de precificar os produtos? Eu não sei se essa pergunta totalmente se aplica porque você disse que é ele que complementa a sua parte, mas...

Flávia: O que eu sempre falo.... Para precificar... Cara, porque no artesanato tem peças que custam centavos... Cê vai comprar, vamos supor, eu compro uma peça de acrílico que é cara, custa quinhentos e cinquenta reais, uma peça, sei lá, de um metro por sessenta centímetros. Você tem que botar o preço do custo, né? E tem que botar o preço do teu trabalho também, né? Mas normalmente eu nunca passo de... se custou dez reais eu não vou vender mais do que 30. Vamos sempre um pouquinho a menos, tipo vinte e cinco reais, eu não preciso ter uma margem muito grande de lucro, mas normalmente quem comercializa artesanato bota três vezes o valor. Normalmente, se custar dez, a pessoa vai vender por trinta que não é só a peça, né? Tem o tempo que você vai comprar, você tem todos... Você está desembolsando teu dinheiro antes, você não sabe se você vai vender e pra vender também. Nem tudo que você faz, você vende. Às vezes demora, né...

Entrevistadora: Como você percebe que Niterói possibilita o seu trabalho, tanto negativa quanto positivamente... O que você achar mais relevante.

Flávia: Niterói, fala o que é prefeitura, o governo?

Entrevistadora: A prefeitura, as políticas públicas... como possibilita ou não você exercer sua atividade.

Flávia: Eu acho que eles apoiam, embora demore muito, por exemplo, uma feira boa como essa, essa é a melhor feira de Niterói, tá? Pra mim, na minha opinião, não tem outra feira também. Porque você pra vender, cê tem que ter público, qualquer coisa que cê vai vender na vida, cê vai ter que ter um público pra olhar. Então, assim, se você participa de uma feira que passa cem mil pessoas, três por cento vai comprar com você, no mínimo, três por cento. Então, você vai ter uma boa feira, né. Eu acho que ele acolhe bem, o posso falar mal da prefeitura porque desde que eu quis trabalhar com isso e vejo que as pessoas que querem hoje em dia, além da feira do campo de São Bento, existem outras feiras, né? No Ingá, na praia, tem outras feiras acontecendo na cidade, acho que acolhe bem sim.

Entrevistadora: A última é uma questão de formalidade, você autoriza o uso dessas informações para construir meu trabalho de conclusão de curso?

g) SANDER

Entrevistadora: nome, idade, tempo como artesão e tipo de artesanato que você faz.

Sander: Meu nome é Sander Artur Batista, eu tenho quarenta e dois anos tempo como artesão e tipo de artesanato... Ah eu na verdade eu sou autodidata, essa arte eu desenvolvi, né? Eu sou formado em Ciências Contábeis, exerci a função por dez anos, mas essa profissão eu tenho há vinte anos, né?

Entrevistadora: E qual o tipo de artesanato que você faz? Se você pudesse descrever em algumas [palavras], você trabalha de maneira?

Sander: Sim, eu desenvolvo a técnica da marchetaria e da pirogravura, né... desculpe... fogo na madeira, que é o meu carro chefe, né? Onde tem mais aceitação, inclusive até no exterior.

Entrevistadora: Como foi seu primeiro contato com artesanato e como você continua melhorando o seu trabalho?

Sander: Sei... que nem eu falei no princípio, eu sou autodidata, né? Eu já nasci com um dom e a cada dia que passa pra mim é uma descoberta, né? Porque a arte, ela é infinita em todos os sentidos, tanto no sentido da produção, como no sentido filosófico e como no sentido da sensibilidade.

Entrevistadora: Você viu que ao longo do tempo seu trabalho foi alterado por necessidade de vender, por influência da moda ou por influência das redes sociais.

Sander: Na verdade eu sou uma pessoa muito regionalista, né? Mas como a gente tem que sobreviver, a gente segue um pouco de tendência, mas minhas raízes são profundas... como é que se diz? Eu gosto mais de fazer arte crítica, mas no mundo capitalista nós vivemos hoje, tem que buscar subterfúgio pra sobreviver, né? Então, hoje eu sigo tendências, mas eu tenho os meus segmentos em paralelo que são arte mais pesada, arte entre linhas, arte mais cabeças, arte mais crítica, parte política em tudo eu envolvo.

Entrevistadora: O que é o artesanato pra você?

Sander: O artesanato pra mim, no contexto geral, pra mim é uma liberdade de expressão. Não como assim... vamos supor a expressividade do artesanato não pelo lado econômico e sim pelo lado da liberdade. De você tirar da sua alma os seus anseios, os seus desejos, na mesma maneira, está libertando algo também que não te agrada. Então é uma maneira de você extravasar e se sentir mais leve.

Entrevistadora: Você se vê na posição de empreendedor?

Sander: Sim, inclusive eu emprego duas pessoas.

Entrevistadora: O que você considera na hora de precificar os seus produtos?

Sander: No contexto geral, a qualidade, a matéria-prima, o tempo de serviço, o empenho, a entrega do artista, tudo isso é levado em consideração.

Entrevistadora: Você entende que Niterói viabiliza ou não viabiliza o seu trabalho?

Sander: O meu trabalho foi bem aceito em Niterói.

Entrevistadora: Você autoriza o uso dessas informações para construir pesquisa nele?

Sander: Sim, com certeza.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM ROSANE ‘KANAS’ COSTA, COORDENADORA CASA DO ARTESÃO, EM 3 DE MAIO DE 2023, VIA GOOGLE MEET.

Entrevistadora: Bom, primeiramente confirmar com você o seu nome e o tempo que você está no cargo.

Rosane Kanas: Qual cargo? De artesã ou de casa do artesão?

Entrevistadora: Pode ser os dois.

Rosane Kanas: Eu sou Rosane Costa, né? Mais conhecida como Rosane Kanas e eu estou no campo São Bento há mais de trinta e dois anos... Que eu parei nos trinta e dois, tá? Pra não ficar muito feio pra mim [tom de piada]. E no cargo da Casa do Artesã eu fui empossada há duas semanas, então muito pouco tempo. É, mas eu sempre desde que eu botei meu pezinho como artesã no Campo São Bento, eu sempre fui de liderança, de comissão, de briga, dessas lutas toda da categoria que sempre tem, né. Então, por isso que eu até criei uma história dentro desses mais de trinta anos, né? No artesanato e por isso que também hoje eu fui convidada a assumir essa função na casa do artesão, porque eles estavam já de saco cheio de ouvir os artesãos falando assim “vocês só colocam caíndo de paraquedas, gente que não tem nada a ver com artesanato, tem que colocar uma representante nossa que fala a nossa língua”. Aí eles resolveram agora, uma mulher na secretaria, né? Aí me convidou pra essa função... esse desafio, né?

Entrevistadora: Como você acredita que a cidade de Niterói percebe o artesanato? Como você disse essa questão da representação não ser sempre de alguém que vivia o artesanato também, como você acredita que Niterói percebia o artesanato até as artesãs passarem a perceber.

Rosane: Bem, como Niterói percebia o artesanato... Não percebia, né? A gente se fazia, perceber, sempre foi assim, né? Então eh sempre foi muita luta, muita luta e se a gente tem hoje o que a gente conquistou foi luta nossa, a Casa do Artesão que eu falo, a Casa do Artesão é diferente, ontem eu recebi os dois funcionários que vão trabalhar comigo e eu falei pra eles, [...] o meu olhar da Casa da Artesão é diferente de você. Vocês estão aqui pra ganhar um salário final do mês e legal. Fazer seu trabalho legal. Eu não, eu tenho eu tenho paixão, eu tenho coração porque isso aqui foi luta minha. Eu lutei por isso aqui, né? Eu e um grupo de

peessoas, não só eu sozinha, mas eu e um grupo de pessoas lutamos por isso aqui. Então o nosso olhar é diferente, né? Porque eu falo, a casa é minha, a casa não é sua não, porque você governo passa. A casa é minha, eu sou artesã, eu fico aqui e não fiquei aqui não saio, né? Mas então é isso, a luta sempre foi muito constante, sempre. E assim na pandemia a gente teve uma prova de como o artesanato é importante para algumas famílias, né? Para muitas famílias. Porque como não puderam trabalhar, né? Teve lockdown, eu fiquei desesperada. Um dia, estava lá no Campo de São Bento, recebi uma ligação do secretário de cultura na época, avisando que amanhã não poderia mais abrir. E aí as pessoas quando começaram a ouvir isso começaram a ficar em volta da minha barraca, eu sou uma pessoa da comissão né? E aí falo, cara, que isso? Tá louco? Num num existe, como é que a gente vai viver, como é que a gente vai, né? As pessoas vão sobreviver. Ele tava em Cartagena, num festival lá, ele falou “calma, tudo a gente vai resolver, deixa eu tô voltando pro Brasil que a gente vai sentar pra resolver” e foi, teve o auxílio, ajudou muito, né? Mas o artesão, ele se reinventou. Ele passou a usar INSTAGRAM, coisa que ele não fazia. Venda por internet, coisa que ele não fazia. Começou a se reciclar e assim teve um lance que eu achei muito legal foi do cooperativismo, sabe? Um cooperativismo assim involuntário, sabe? Porque a máscara foi uma coisa que deu um up, botou muita comida no prato de muitas famílias, né? E não tinha máscara porque foi uma coisa do nada e todo mundo usando máscara. Então e o artesão foi assim eu via isso né... as pessoa, olha eu peguei duas mil máscaras pra fazer, você pode fazer quantas? E distribuindo o trabalho, entendeu? Entre os colegas e estavam ferrados mesmo, que tinham que fazer, né. Então isso foi muito bacana, isso eu acho que uniu muito alguns artesãos porque alguns começaram a tirar o olho do próprio umbigo e pensar no coletivo, Isso foi bom de uma certa forma, né? E começaram a nos enxergar também, porque nós fazemos parte do PIB desse país, né? E não é pouca coisa, né? Um artesão hoje, hoje eu não sei como tá, mas era de cinquenta e oito por cento do PIB. Então assim, não é pouca coisa, sabe? Hoje isso deve ter aumentado... Mas a gente não é porcaria não, a gente é profissão, né? E legalizada e tudo, então nós temos hoje um uma lei federal que acolhe o artesão, né? Programa de artesanato PAB que é o programa de artesanato brasileiro... Então é isso a gente a gente está está na luta aí, cada dia é um leão.

Entrevistadora: Você percebe que houve alteração na visão dos artesãos e artesãos nos últimos tempos? Você acha que esse lugar mudou?

Rosane: Sim.

Entrevistadora: Você viu alguma nova colocação nesse aspecto?

Rosane: Sim, mudou. A pós-pandemia modificou muito a cabeça das pessoas, a rede social passou a ser uma coisa uma ferramenta de trabalho. Né? Coisa que não era. Cursos pela internet. Como? O artesão artesão nunca pensou em fazer um curso, comprar um curso pela internet, pra fazer um curso pela internet. Quer dizer, então isso aí realmente desengessou, sabe? Desengessou muitos artesãos e foi muito bom. Isso foi positivo.

Entrevistadora: É, inclusive na pesquisa de campo, tinha assim uma divisão muito clara dos artesãos que tinham uma relação com a internet mais próxima que atualizavam bastante produtos de acordo com a internet e outros que eram mais tradicionais, né? Que focavam no que já conheciam e foi legal ver essa diversidade, ver como cada pessoa percebia... Bom, como você entende a relevância do artesanato pro desenvolvimento cultural e econômico da cidade ou como a secretaria de cultura ou como Niterói até então entendeu?

Rosane: Olha, eu acho assim que Niterói ainda não... Por mais que se faça pelo artesanato, ainda não chegamos no ponto que a gente deseja. Realmente porque hoje nós demos uma super mulher, que tá querendo levantar isso e de todas as formas né? Mas nós já tivemos secretário de cultura em Niterói que sabe “é feirinha”, entendeu? “Artesanato é feirinha, pode feirinha”. “E, cara artesanato é feirinha não, artesanato ela bota muita comida no prato de muitas famílias. Você não está entendendo que isso não é só uma feirinha, né?” Então eu acho que a gente tem uma outra visão hoje. A Júlia [secretária de cultura] sempre foi muito parceira. Sabe? Antes dela ser secretária, sabe? Sempre foi muito atenta nas coisas, né? E tanto que ela é fera nesses editais, que participou de tudo isso, isso valorizou muito os nossos artistas, né? A gente recebeu agora as peças do Ativo Cultural, nossa que bacana ver aquilo, né? Vai ter uma exposição, ela está pretendendo fazer uma exposição dos que foram contemplados neste edital... Então a gente está vendo assim aquela luz no fim do túnel que não existia, já está. A gente que é mulher... Eu falo que quando não tem luz no fim do túnel, a gente pega uma tocha, acende lamparina e vamos lá, não é isso? E a Júlia é dessas, né? Cara, a Júlia é dessas, ela num é brincado não. [risada]

Entrevistadora: Bom, você vê influências da globalização ou das modas, da indústria, da produção artesanal?

Rosane: Sim. Com certeza. O artesão que não está atento nas tendências não vai a lugar nenhum. Você tem que ver a tendência de biju e tem época que está usando uma biju de uma lata diferente, de um capim dourado, você tem que ter tá ligado na tendência da moda mesmo, isso aí é inevitável, e eles acompanham, né? Porque a vitrine está lá, né? Pra qualquer um copiar, né? Então eles acompanham, “ah não agora é moda é isso, então vamos fazer isso”.

“Ah porque até infantil né? Porque a moda agora é fazer Amigurumi”, que é aqueles brinquedinhos, aqueles bichinhos de crochê, da Vandinha. A Vandinha que agora a criança tá curtindo, a Vandinha. Então, você tem que acompanhar isso, né? Cê tem que acompanhar isso, é bolsa da Farm, é não sei o que, quer dizer, não tem jeito. Isso aí sempre foi e não é de hoje. Sempre foi hoje com a internet com tudo. É muito mais rápido, né? As coisas chegam em você muito mais rápido, informação.

Entrevistadora: Então, eu percebi que as feiras são muito centralizadas nessa região das praias da Baía. Icaraí, São Francisco. Ingá. Eu até vi uma feira que é do centro, mas ela é gerida pela economia solidária, então não entra na casa do artesão. Você, como você entende que chegou a esse lugar e por quê?

Rosane: O problema não é isso não, o problema não chegou, né? Nós temos um decreto, que é de 2008, que rege nossas feiras todas, né? E a Casa do Artesão. E a casa do artesão é responsável por dez ou onze que estão lá no decreto, né? E algumas feiras seriam de responsabilidade da casa do artesão, porque não desenvolveu. Entendeu? Não desenvolveu. Então você tem a economia solidária que faz uma feira lá em Itaipu, que é famosa, né? Todo sábado, né? E o campo São Bento é uma feira tradicional porque aquela coisa uma feira tombada, é uma feira que é tradição, há mais de quarenta anos que aquela feira existe, né?

Entrevistadora: É a feira mais antiga de Niterói?

Rosane: É, o campo São Bento... na época dos hippies estavam expondo ali nas barcas, em frente as barcas, e começaram a fazer uma obra ali, ele não tinham pra onde ir. E alguns artesãos também. O pessoal não tinha nem barraca, era assim no chão, toalha, botava uma toalha. E aí eles foram pro campo São Bento, Campo São Bento não era gradeado, era tudo aberto, tudo livre. O prefeito na época permitiu que eles colocassem... fizessem essa exposição deles lá. E isso foi dando certo porque um lugar bacana, um lugar de zona sul, um lugar que né? Que chama atenção, que tem público infantil, que tem público de idoso, que tem todos os públicos e também tem turismo, né? Porque chama atenção, é um lugar bonito, é o Central Park de Niterói que o pessoal chama lá, né? Então eles começaram ali quarenta anos atrás, um pouquinho mais, mais ou menos. E ainda temos as uma pioneira ali do Campo São Bento que ainda está lá até hoje, entendeu? Então assim, a coisa foi acontecendo, a gente tem, a gente já teve feira no Horto de Itaipu, entendeu? Há um tempo atrás, mas aí o fator climático que não ajudava, que lá é chão [de terra], né? E chovia e aí tinha lama, não podia fazer feira e aí acabou o pessoal desanimando. A feira só acontece quando existe artesão interessado que ela cresça, né? E hoje as pessoas estão muito imediatistas. Ninguém quer

trabalhar, fazer uma uma clientela, fazer o seu ponto, não, que a coisa aconteça e é difícil, então por isso eles preferem, a procura maior são as feiras da Zona Sul, entendeu

Entrevistadora: Ano passado quando eu entrevistei os artesãos da feira, alguns deles apontaram sobre a feira estar esvaziando antes do último cadastro, acho que teve no fim do ano passado, eu queria saber se esse número mudou, se aumentou o número de artesãos e se não como que isso está se desenvolvendo, está sendo tratado.

Rosane: Então, a feira do campo São Bento é uma feira que você tem que entrar por edital. Não é uma feira como as outras que você vai como visitante. Então, o campo São Bento é uma feira diferenciada, né? O que que aconteceu? A desde dois mil e doze que não tem edital pro Campo de São Bento. As pessoas vão morrendo, as pessoas, né? Vão ficando bem de vida, não precisa mais ir pra lá, as pessoas vão ficando ricas, né? [risada] E acaba desistindo da feira e com isso não houve reposição. Aí que que aconteceu? E a gente cobrando o edital, cobrando o edital, saiu um edital há mais ou menos uns cinco anos, seis anos atrás. Totalmente errado, totalmente sem noção, contra a gente, né? Botou a gente junto com o pessoal de camelô, nada contra, mas eles também não tavam... Era cruel, o edital era cruel pra pros artesãos e pros ambulantes. E aí nós brigamos, nós fomos né? Aquela coisa, vamos brigar e foi cancelado o edital, não vamos rever, vamos rever, vamos rever e nessa de vamos rever foi enrolando, jogando com a barriga, jogando com a barriga e a feira foi esvaziando. Nós temos no nosso decreto que a gente tem vagas para visitante. Artesãos visitantes. A intenção disso era não visitantes locais mas fazer um intercâmbio cultural, né? Vem um artesão lá de Cabo Frio, vem artesão lá de Angra dos Reis. E tem umas casas de artesão maravilhosas por aí por essas cidades. E fazer um intercâmbio mesmo, como já tivemos lá no campo muitos anos atrás um pessoal visitante de que fazia aquela renda de birro, sabe? As mulheres ficavam lá no campo fazendo. Quando elas terminavam de fazer já estava vendido. Então eu fui na casa do artesão na época e sugeri, “vamos fazer visitante”. Enquanto esse edital não sai, porque nossa feira está esburacada, tá desdentada, né? Porque o pessoal fala assim, “não, porque o campo de São Bento é a menina dos olhos” eu falava “gente, mas ó, a menina dos olhos, se não cuidar, se não tratar, fica descabelada, fica desdentada, né? Você tem que cuidar, né?” É isso que foi acontecendo e hoje nós estamos trabalhando esse edital, né? A Júlia prometeu que vai sair esse edital o mais rápido possível, né? Pra gente poder tapar esses buraco todo do Campo São Bento, que são cem artesãos, cem vagas que tem ali dentro, quer dizer, são quando eu falo cem artesãos, eu falo cem famílias, né? E trabalhando por aquilo. E aí a gente tá fazendo hoje um trabalho de visitantes, né? Pra poder dar um up... Renova-se

cada final de semana é uma turma, se inscreve, então assim aquele pessoal que participa das outras feiras né? Também vai ao campo São Bento como visitante. Porque as outras feiras, por exemplo, a feira da Praça da Getúlio, ali em frente ao cinema Icaraí, ela funciona todo segundo e quarto sábado do mês. A feira da orla de São Francisco, que fica no calçadão dos restaurantes, funciona no segundo domingo do mês. A feira da Zumbi acontece toda terça feira, ali na entrada da UFF. E a feira do Ingá todo sábado, ali na praça César Tinoco. Então, também fazem um rodízio, né? Procura fazer um rodízio.

Entrevistadora: A mais frequente é a do Campo de São Bento mesmo...

Rosane: O campo São Bento não tem jeito, é a tradicional feira de artesanato. E tem hoje a estátua do Paulo Gustavo, que o turista vai lá tirar foto.

Entrevistadora: Não sabia dessa.

Rosane: Você não sabia que colocaram? Não, não tem. Tem o Paulo Gustavo sentado na mesa lá do ramo São Bento e tem a dona Hermínia atrás dele.

Entrevistadora: Que legal.

Rosane: São duas estátuas que fizeram lá. Então chama maior atenção, todo mundo vai lá tirar foto com com Paulo Gustavo e aí também o campo São Bento tem os piqueniques que são autorizados, cê vai lá pede uma autorização. Cê faz piquenique, aniversário, essas coisas, né? Lá nas pracinhas. E tem a galeria de arte, né? Também que funciona lá final de semana. Tem sempre música. Então isso tudo é um atrativo né? É um atrativo pro pessoal de Niterói e pra quem é de fora também, né? Tem muito turista.

Entrevistadora: Sim. Bom, eu acho que a última questão também vai ser uma questão próxima a sua vivência, né? E talvez uma das críticas você traga. Mas durante as entrevistas também eu vi um conjunto de queixas sobre a falta de divulgação e a falta de fiscalização, que antigamente um fiscal que acompanhava. Que tava vendo tanto que o pessoal que estava lá era compatível com os números que se dizia, quanto para garantir que realmente o que estava sendo vendido era artesanato. Alguns artesãos se queixaram que às vezes aparecia umas coisas que não eram exatamente artesanatos. Como estão essas questões agora... se considera voltar com a fiscalização, não se considera, porque? Como está a questão da divulgação, se isso tem tido um retorno maior ou menor.

Rosane: Olha só, quem tá errado tá errado não vai nunca concordar com uma fiscalização, né? Então não tem jeito. Nesses anos todos que eu tenho de Campo São Bento, eu procurei sempre andar na linha. Era uma pessoa pra tomar conta de uma feira, uma feira inteira pra tomar conta de uma pessoa, né? Porque se você tira um pouquinho “a lá, tá vendo? Olha lá, tô

apontando logo o dedo, o que se acha?” Então, a gente sempre procurou a gente da comissão, sempre procurou andar na linha Acontece o seguinte, eu ouvi muito abandono nessa questão de por conta da Casa do Artesão. Tá? A gente está está tomando isso tudo eu já avisei, olha, semana que vem já começa a passar a presença, sabe? Porque você não pode, você tem que cumprir um horário, você tem que cumprir. Então, nós temos os direitos, temos os deveres. Né e o pessoal só quer os os teus direitos, os deveres, né? Numa coisa a divulgação nossa a gente está trabalhando em cima de Instagram, de Facebook porque é o que realmente as pessoas acessam, né? A gente tem, eu até tô tentando porque eu não consegui botar o Instagram da Casa do Artesão no meu celular, eu tô brigando e pois é... Não é culpa minha não, é alguma coisa que tá lá no Facebook não tá permitindo, tendeu? Mas pra gente poder eu tô dependendo da menina da comunicação. Ela manda pra mim, “ah tá legal, pode botar”, então é ela que tá postando as coisas no INSTAGRAM e no Facebook da Casa do Artesão porque eu não tô conseguindo. Eu não sou linha dura não, mas eu guardo as coisas, vão fazer as coisas direitinho, entendeu? Já que eu faço né? Eu quero que você também faça sua parte né? Cobrar só quem está certo. Você não vai cobrar pra mim coisa que você é o primeiro a errar, né? Então hoje tô com já tô com menino hoje até tá até conversando agora a pouco com ele, que vai fazer vai retomar as chamadas de presença, vai retomar o livro de ocorrências, entendeu. Tudo coíbe também um pouco, né? Ah, saber que o cara vai adotar, “olha, tô anotando aqui que cê tá errada, ó, cê não pode botar esse avanço na sua barraca, ou você não pode revender isso”. Entendeu? E as pessoas que estão erradas, a gente manda um bilhetinho, entendeu? Manda um bilhetinho pra nos visitar, tomar um café com a gente na Casa do Artesão e a gente chega lá e puxa a orelha. Ou é assim ou tá fora. Cara, porque a gente tem que organizar a bagunça, entendeu? Não pode deixar isso. É o meu trabalho. É isso que eu tento colocar na cabeça deles, que é o nosso trabalho. Se você quer o respeito, você tem que se dar o respeito.

Lá tem muita coisa errada e assim o nosso decreto diz que a qualquer momento a casa do artesão pode ir no seu ateliê visitar. Então se eu chego na sua barraca e chega assim “poxa mouse aqui, você que faz. Ah, legal. Então, olha, tô aqui guardando o seu mouse, vou levar. Amanhã eu vou no seu ateliê e você vai fazer um mouse igual.” Se você faz, não vai ter problema, tendeu? Se eu chego na sua casa, eu falo se você é ou não artesã, se você faz ou não. Entendeu? Por quê? Porque você tem que ter estoque... Então, é só visitar no ateliê. Eu já botei aquele povo do campo todo para fazer prova de novo, botei todo mundo. Eram trezentas barracas que a gente tinha lá, botei todo mundo pra fazer prova, por quê? Houve

uma época que a gente nem tinha a casa do artesão e aí a coordenadora começou a botar a gente pela janela, a gente viu lá... A galera da janela que nem fazia avaliação aí deu um bum, coordenador foi mandado embora e agora. Que que a gente faz? Vamos botar todo mundo pra fazer prova. Então quem entrou pela janela que era revenda nem chegou a fazer a prova. Foi embora. Entendeu? Porque já estava errado.

Entrevistadora: Em qual período?

Rosane: Mais ou menos noventa, década de noventa. Tô falando de coisa velha, tá? Tô falando de coisa velha, de dois mil pra cá já teve... dois mil e dezoito, mil e onze né? Eu acho que é onze. Onze ou doze foi criada a Casa do Artesão. [não compreensível] Então dois mil a gente já entrou com a casa do artesão, já moralizou mais, né?